

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB  
Faculdade de Ciências Jurídicas e Ciências Sociais – FAJS  
Curso de Relações Internacionais

Paulo Dias Costa

A soberania dos EUA perante as crises internacionais:  
um estudo comparativo entre as crises de 1929 e 2008

Brasília, DF  
Junho de 2011

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB  
Faculdade de Ciências Jurídicas e Ciências Sociais – FAJS  
Curso de Relações Internacionais

Paulo Dias Costa

A soberania dos EUA perante as crises internacionais:  
um estudo comparativo entre as crises de 1929 e 2008

Monografia apresentada como requisito  
parcial para aprovação no curso de  
Relações Internacionais do Centro  
Universitário de Brasília (UniCEUB).  
Orientador: Prof. Marcelo Valle

Brasília, DF  
Junho de 2011

## **RESUMO**

A recente crise de 2008 gerou uma enorme instabilidade do cenário econômico internacional, o único evento similar a este foi a crise de 1929. Esta monografia visa demonstrar o contexto histórico, econômico e político das crises de 1929 e 2008. O objetivo é enfocar, usando a teoria de interdependência complexa e categorias do conceito de soberania, os eventos principais de ambas as crises, e traçar um paralelo entre as mesmas.

## **ABSTRACT**

The recent 2008 crisis generated an huge economic international instability. The only event similar was the 1929 crisis. This essay intends to show the historical, economic and political context from both crisis 1929 and 2008. The objective is to enfocus the main events from both crises, using the Complex Interdependent theory and sovereignty concept categories and describes a parallel between the crisis.

## Lista de ilustrações

Figura 2.1 Taxas de desemprego nos Estados Unidos (1910-1960) – Os anos da Grande Depressão (1929-1939) estão em destaque. ....	24
Figura 2.2 Touro de Bronze do artista Arturo Di Modica em Wall Street .....	25
Figura 2.3 Estados Unidos: Indicadores econômicos selecionados (1929 – 1941) .....	28
Figura 2.4 Taxa de desemprego % (referente ao aumento da taxa de desemprego nos EUA pós 2008) .....	32
Figura 2.5 Taxa de crescimento da produção industrial (%) (referente a taxa de produção industrial dos EUA no período da crise de 2008) .....	34
Figura 3.1 Indicadores selecionados do tamanho dos mercados de capitais, 2007. ....	45

## SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo 1 - As facetas da soberania de Krasner e a Interdependência Complexa de Keohane e Nye.....	9
1.1 O que é soberania: conceitos de Krasner. ....	9
1.2 Keohane e Nye – Interdependência Complexa .....	14
1.3 A compressão espaço tempo dada pela tecnologia da informação e seu impacto sobre as transações comerciais. ....	18
Capítulo 2 - As crises de 1929 e 2008 e suas consequências históricas .....	22
2.1 A crise de 1929.....	22
2.2 A crise de 2008.....	29
Capítulo 3 - Relações entre as crises, o Neoliberalismo, a interdependência complexa, os conceitos de Soberania e perspectivas para a soberania Americana . ....	37
3.1 Relação dos principais tópicos de 1929- 2008 com a Interdependência Complexa e os conceitos de Soberania.....	37
3.2 O Neoliberalismo e sua influência nas crises. ....	43
3.3 Perspectivas da soberania americana.....	51
Conclusão:.....	55
BIBLIOGRAFIA .....	59

## **Introdução**

A monografia aborda as duas grandes crises econômicas ocorridas nos Estados Unidos da América – EUA, sob a ótica da soberania. Inicia-se com um embasamento teórico, seguindo-se por uma contextualização histórica, e por fim, termina com uma crítica ao sistema neoliberal e uma perspectiva sobre como os países agiram em relação às duas crises. O texto tem um viés econômico que reflete posições adotadas pelos Estados Unidos em cada uma das crises.

A contextualização histórica trata dos fatores determinantes e subjacentes das crises de 1929 e 2008, com o objetivo de traçar bases de comparação. Além disso, os pontos tratados historicamente farão parte da análise teórica no texto.

A necessidade de produtos de consumo da Europa, pós-primeira guerra mundial, fez com que a indústria americana se desenvolvesse de maneira sem precedentes. Na medida em que a capacidade de produção europeia se restabeleceu, a necessidade da capacidade produtiva americana se reduziu, gerando um excedente de produção. Este excesso não tinha para onde ser escoado.

Quase 80 anos depois, em 2008, ocorre outra crise, desta vez causada pela falta de controle sobre um aspecto específico da economia neoliberal americana. Os empréstimos imobiliários, sem a devida verificação dos tomadores de recurso, geraram uma bolha onde, ao final aqueles devedores que garantiam o fluxo de entrada de muitas instituições não puderam mais honrar suas dívidas.

A bolha foi criada porque os rendimentos provenientes dos empréstimos garantiam uma entrada de capital que era usado como lastro para novos investimentos. Enquanto todos continuavam a tomar empréstimos, comprar casas, os bancos continuavam a emprestar e contar com o lucro proveniente destes para criar outros títulos, e assim a bolha crescia. Estes novos investimentos se tornaram “podres” no momento em que os pagadores do viés imobiliário não mais eram capazes de pagar.

Sem a entrada de caixa das instituições financeiras, uma sequência de acontecimentos levou a economia norte americana novamente a um choque. Os

desdobramentos que as crises causaram sobre o estado Norte Americano afetaram diretamente diversas capacidades de auto gestão e regulação, quer dizer, parte da capacidade soberana dos Estados Unidos da América. Pelo fato do conceito de Soberania não envolver somente aspectos políticos, mas também econômicos e sociais, foi adotado neste ensaio os conceitos defendidos por Krasner.

Este autor defende quatro vertentes de soberania, que permitem uma classificação mais efetiva dos eventos discutidos. Busca-se por meio dessas classificações encaixar os eventos históricos dentro de termos mais específicos do vasto conceito de soberania.

Mas o mundo consiste em uma realidade vasta e complexa, tornando difícil a análise, então ela é vista por meio de uma teoria que tem por objetivo simplificar a realidade e a colocar em um contexto.

Neste contexto, onde uma crise econômica no mercado interno americano afeta grande parte dos países do mundo, uma teoria que abarque as possibilidades de conexões variadas entre os estados se faz necessária. Desta forma, além de se trabalhar com os aspectos da Soberania de Krasner, a teoria da interdependência de Keohane e Nye se complementam como linha mestra teórica do trabalho.

Outras perspectivas e fundamentações complementam o arcabouço teórico deste ensaio. As opiniões e análises de Pereira Bresser, Fernando Carvalho e Frederico Mazzuchelli sobre os desdobramentos de 2008 conferem ao trabalho a atualidade necessária para um evento tão recente.

Uma vez delineados os eventos que fundamentaram as duas crises e estabelecidas as disparidades entre elas, em função de seus diferentes contextos históricos, o ensaio tenciona estudar a relação entre as mencionadas crises e suas repercussões sobre a soberania dos Estados Unidos da América. Desta forma a questão que se propõe para discussão é: pode uma crise econômica alterar o delineamento da soberania de um estado? Dentro deste foco são analisados o acordo de Bretton Woods e a Conferência de Basileia II.

Assim sendo este ensaio visa discutir o impacto das crises econômicas, no contexto de uma economia globalizada, sobre os diversos aspectos da soberania dos Estados Unidos e qual foi o resultado destes impactos nas políticas econômicas adotadas pelo país.



## Capítulo 1 - As facetas da soberania de Krasner e a Interdependência Complexa de Keohane e Nye.

De acordo com Antonio Jorge Amado da Rocha<sup>1</sup> o mundo não é organizado em categorias. Tudo que existe está em um *continuum* influenciado pelos mais diversos fatores existentes. E mais difícil do que simplesmente catalogar eventos, é interpreta-los, porque a partir do momento que existe uma interpretação o evento já não é mais a mesma coisa. Ele está impregnado pelo arcabouço que o interpretador utilizou para defini-lo. Mas assim funciona o mundo acadêmico e para isso existe a teoria.

Este capítulo visa restringir o universo de fatores e influencias que existem nos dois eventos tratados pelo trabalho, dentro de uma linha de raciocínio específica. Para definir um conceito tão complexo quanto à soberania, o trabalho de Krasner<sup>2</sup> é utilizado. Nele a soberania é vista por quatro diferentes facetas e simplificado para que seja possível encaixar os eventos históricos das crises em maneiras diferentes de se enxergar soberania.

Para definir as relações entre os estados do mundo a teoria da interdependência complexa de Keohane e Nye<sup>3</sup> foi utilizada por levar em consideração não somente os estados nacionais, mas também todas as instituições e atores intra e supranacionais.

### 1.1 O que é soberania: conceitos de Krasner.

Krasner fez uma definição extensa de diversas facetas da soberania estatal. Existem aqueles que acreditam que a soberania está por se desfazer diante a globalização e suas ações sobre o sistema internacional contemporâneo. Outros

---

<sup>1</sup> ROCHA, Antonio. J. R. . Relações Internacionais: Teorias e Agendas. Brasília: IBRI / Funag, 2002

<sup>2</sup> KRASNER, STEPHEN D. Sovereignty ORGANIZED HYPOCRISY. Princeton, New Jersey 08540: Princeton University Press 1999.

<sup>3</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. eohane. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977

dizem que está por se sustentar pelo reconhecimento mútuo de estados e expectativas compartilhadas entre os mesmos, até em cenários onde o estado só tem o mínimo dos recursos. Algumas análises afirmam que novas normativas, como a declaração universal dos direitos humanos, representa uma quebra com a soberania definida em Westphalia. Alguns veem a soberania como uma definição analítica, outros como a descrição de atores práticos e outros como um termo da gramática.<sup>4</sup>

A grande variedade de definições do conceito de soberania apontam para a vastidão do termo, seus muitos usos em várias esferas e sua complexidade. O termo em si já é contraditório, como a da não intervenção versus promoção da democracia, por exemplo. A não intervenção garante aos países que atores estatais estrangeiros não venham interferir nas decisões e estrutura interna de um país. Mas a promoção da democracia, em casos já vistos, é intervenção direta de um ser estrangeiro para garantir a democracia no estado. Desta forma, para estruturar sua análise, Krasner viu como necessário seccionar o conceito em aspectos distintos, facilitando análises mais específicas.

Krasner divide soberania em quatro classificações: Soberania internacional se refere a reconhecimento mútuo entre estados soberanos. Soberania Westphaliana se refere à organização política baseada na exclusão de atores externos nas decisões internas de um país. Soberania doméstica se refere à organização política formal dentro do estado e a habilidade de autoridades públicas de exercer controle efetivo dentro das suas fronteiras com seu próprio governo. Soberania Interdependente se refere à habilidade das autoridades públicas de regular o fluxo de informação, ideias, bens, pessoas, poluentes ou capitais através das fronteiras.<sup>5</sup>

Repartir o conceito de soberania restringe as possibilidades de cada divisão e permite categorizar eventos.

Resumindo:

- a. Soberania Internacional;
- b. Soberania Westphaliana;

---

<sup>4</sup> KRASNER, STEPHEN D. Sovereignty ORGANIZED HYPOCRISY. Princeton, New Jersey 08540: Princeton University Press 1999.

<sup>5</sup> KRASNER, STEPHEN D. Sovereignty ORGANIZED HYPOCRISY. Princeton, New Jersey 08540: Princeton University Press 1999.

- c. Soberania doméstica; e
- d. Soberania interdependente.

A Soberania internacional legal e a soberania Westphaliana envolvem questões de autoridade e legitimidade, mas não controle. As duas têm regras distintas ou lógicas próprias. A regra para a soberania internacional legal é o reconhecimento de territórios que tem uma independência jurídica formal. A regra da soberania Westphaliana é a exclusão de atores externos do território do estado, tanto de fato, com a força, quanto juridicamente. Soberania doméstica envolve tanto autoridade quanto controle, ambas uma especificação de se legitimar a autoridade de um estado e para definir para quem em específico essa autoridade pode ser exercida. Soberania interdependente é exclusivamente concentrada em controle, não em autoridade, relativa à capacidade do estado de regular movimentos por suas fronteiras.<sup>6</sup>

Os vários tipos de soberania não necessariamente são simétricos dentro de um mesmo estado; existem casos onde um país tem um tipo, mas não o outro. Por vezes, exercer um tipo de soberania pode se diminuir outro tipo, como a soberania internacional legal sobre a soberania Westphaliana. Um exemplo disso é quando as regras de um país entram em acordo para reconhecer uma autoridade externa, como foi o caso dos membros da União Europeia.

Esta divisão dá a possibilidade de verificar que uma “modificação” em uma vertente da soberania não necessariamente afeta outra. Como por exemplo, um estado ser reconhecido legalmente no nível internacional, mas ter problemas graves em sustentar sua soberania doméstica, com uma estrutura abalada e sem suporte. Isto aconteceu nos anos 90 em alguns países da África. Krasner<sup>7</sup> também comenta que uma perda de controle na segurança de uma cidade por um período de tempo pode ocasionar uma perda de autoridade do estado diante sua população. Este é um dos indícios que a perda de controle financeiro do país pode influenciar a soberania doméstica.

---

<sup>6</sup> KRASNER, S. T D. **Sovereignty**: Organized Hypocrisy. Princeton, New Jersey: Princeton University Press 1999

<sup>7</sup> KRASNER, S. T D. **Sovereignty**: Organized Hypocrisy. Princeton, New Jersey: Princeton University Press 1999

Um estado como Taiwan pode ter soberania Westphaliana, mas não a internacional legal. Um estado pode ter soberania internacional legal, ser reconhecido por outros estados, mas ter somente a mais limitada soberania doméstica tanto no senso de estrutura de autoridade estabilizada quanto na habilidade de seus líderes de exercer controle sobre o que acontece dentro do seu próprio território. Nos anos 90 alguns estados africanos, como a Somália, serviram como exemplos do caso citado acima. Um estado tem as soberanias internacional legal, Westphaliana e uma autoridade doméstica bem estabilizada e mesmo assim ter pouca capacidade de regular o que entra e sai por suas fronteiras e o que isso acarreta para sua vertente doméstica, uma situação que muitos observadores contemporâneos veem como resultado da globalização e redução dos custos de transação.<sup>8</sup>

A falta de capacidade de regular o fluxo de produtos, pessoas, poluentes, doenças e ideias pelas fronteiras foram descritas como perda de soberania por Mathews e Wriston (1997). E Richard Cooper (1980)<sup>9</sup> comenta que estados menores inseridos na economia mundial não conseguiriam controlar sua política monetária, o que novamente caracteriza uma queda na capacidade de controlar seu país, sua soberania doméstica.<sup>10</sup>

Um ponto muito importante no que tange as crises econômicas é o fluxo de capital e ideias pelas fronteiras nacionais. Dentro de um contexto político econômico mundial, é muito mal visto a contenção de investimentos internacionais no território nacional. Então o país fica a mercê de variações de oportunidades de investimento que em muitos casos não está sob o seu controle. É uma evidência de que com o aumento das transações interestatais os países têm menos controle sobre o fluxo de bens e capitais.

Krasner apoia a hipótese que o institucionalismo neoliberal sugere que os avanços tecnológicos, que reduziram o custo de transporte e comunicação, levaram

---

<sup>8</sup> KRASNER, S. T D. **Sovereignty**: Organized Hypocrisy. Princeton, New Jersey: Princeton University Press 1999.p.4 e p.10)

<sup>9</sup> KRASNER, S. T D. **Sovereignty**: Organized Hypocrisy. Princeton, New Jersey: Princeton University Press 1999.p.12)

<sup>10</sup> KRASNER, S. T D. **Sovereignty**: Organized Hypocrisy. Princeton, New Jersey: Princeton University Press 1999.p.12)

a uma perda de soberania interdependente, que, em retorno, fez com que países entrassem em acordos, em um exercício de soberania legal internacional, para criar instituições internacionais. Algumas destas instituições comprometeram a soberania westphaliana do próprio país quando estabeleceram parte da autoridade em agentes externos à sua própria estrutura.<sup>11</sup>

Na época do *American way of life* os Estados Unidos detinham as quatro vertentes de soberania muito bem definidas. O estado era reconhecido por outros estados soberanos. Fora a dependência do mercado consumidor europeu, a parte política americana era independente de pressões externas. Existia um controle efetivo dentro da fronteira nacional e dos fluxos de informações, ideias, bens e outros.

A divisão que Krasner propõe ao conceito de soberania facilita a classificação de eventos que ocorrem no mundo real. Este recurso aliado à visão de Interdependência complexa de Keohane e Nye, tratado no próximo capítulo, serão o enfoque teórico deste ensaio.

---

<sup>11</sup> KRASNER, S. T D. **Sovereignty**: Organized Hypocrisy. Princeton, New Jersey: Princeton University Press 1999.p.13 – 14)

## 1.2 Keohane e Nye – Interdependência Complexa

O mundo está situado em uma era de interdependência. Estados soberanos se encontram em um contexto de dependência mútua. O conceito de interdependência aparentemente é bem aceito no mundo político, mas mal compreendido. O poder das nações agora é muito mais subjetivo, as influências, pressões e acordos agora não são tomados unilateralmente pelo estado. Empresas, conglomerados, organizações e até mesmo a sociedade exercem um papel contundente no cenário internacional, algumas vezes até mesmo mais que estados.

Nos primeiros parágrafos do trabalho de Keohane e Nye – *Power and interdependence*<sup>12</sup>, os autores fazem um apanhado de duas correntes que consideram avanços tecnológicos como modificadores do sistema político atual. Modernistas seriam aqueles que acreditam numa revolução total do sistema, onde as viagens por meio de aviões a jato e a evolução da telecomunicação tornaram o mundo em uma vila global, um mundo onde não existem fronteiras. Os modernistas vêem corporações multinacionais, movimentos sociais transnacionais e organizações internacionais como atores de grande relevância no sistema.

Uma das motivações para que os modernistas vejam o mundo desta forma é porque os estados “evoluíram” para unidades primordialmente econômicas. Os tradicionalistas ainda mantêm a concepção de continuidade das políticas mundiais, onde o poder militar sempre existiu e é vital para a concepção de mundo que existe. Exemplos são a dissuasão nuclear, guerras do Vietnã, Índia e Paquistão, as ameaças militares da China contra Taiwan ou as intervenções americanas no Caribe, bem como a capacidade dos estados de controlar as comunicações e transações sociais que os mesmos considerem desapropriados. Até mesmo países pobres e fracos foram capazes de nacionalizar corporações multinacionais em seus

---

<sup>12</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977

territórios. Além de todos estes pontos o nacionalismo mostra que colocar de lado o conceito de nação-estado não seria possível.<sup>13</sup>

Mas em seguida os autores já dizem que em nenhuma das duas concepções é possível ter o panorama correto dos fenômenos pelos quais passamos hoje, porque é necessário ter um meio termo entre ambos os pensamentos. Uma das perguntas mais importantes é “What are the major features of world politics when interdependence, particularly economic interdependence, is extensive?”.<sup>14</sup> E a segunda maior pergunta do trabalho deles é exatamente “How and why do international regimes change?”<sup>15</sup>

Segurança nacional e retórica interdependente são fundamentos usados por potências, como maior exemplo o próprio estado americano, para justificar uma série de ações e tentar legitimar suas posições não somente por meio de força, ou política, mas por explorar o conceito de dependência entre diversas partes. A segurança nacional, agora atrelada ao que acontece em todos os estados do mundo, se tornou um dos símbolos favoritos dos internacionalistas que favoreciam o envolvimento norte americano crescente nas nações do mundo. Este fator de segurança nacional foi, em sua maioria, um produto da guerra fria e a grande ameaça que os Estados Unidos sentiram naquela época. Uma análise tradicionalista realista fez com que este símbolo se firmasse cada vez mais. Os autores também colocam que o conflito não vai desaparecer dentro do conceito de interdependência, ele só vai tomar novas formas.<sup>16</sup>

À medida que o sentimento de ameaça à segurança nacional ocasionado pela guerra fria passava, questões econômicas internacionais e conflito doméstico aumentaram. A ambiguidade do conceito de segurança nacional se tornou mais evidente como variada e em muitas vezes formas contraditórias de envolvimento tomaram abrigo sobre uma cobertura unicamente retórica. A visão de Nixon sobre os

---

<sup>13</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. eohane. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977

<sup>14</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. eohane. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977 pag 3)

<sup>15</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. eohane. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977, pag 3).

<sup>16</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. eohane. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977

cinco maiores centros de poder (Estados Unidos, União Soviética, China, Europa e Japão) foi uma visão que tentou, sem sucesso, estender os conceitos tradicionalistas realistas para os desafios econômicos postos pelos aliados Norte Americanos pós-guerra, assim como as ações políticas e militares da União Soviética e China.<sup>17</sup>

A palavra, dependência significa estar determinado ou significativamente afetado por forças externas. Interdependência significa dependência mutua. A interdependência como comentado pelos autores, é a dependência mutua entre países ou entre atores de diferentes países. Isso acontece geralmente em transações de dinheiro, mercadorias, pessoas e mensagens pelas fronteiras internacionais. Essas transações aumentaram dramaticamente desde a Segunda Guerra Mundial, mas essas transações entre estados não são a interdependência em si. Os efeitos das transações sobre a interdependência vão depender muito das limitações e custos associados a eles. Um país que importa toda a sua gasolina é muito mais dependente de um fluxo contínuo de petróleo do que um país que importa peles, joias e perfume, mesmo se fosse de mesmo valor. A questão é que, onde quer que tenha (haja) recíprocos efeitos de custos de transações, mesmo que não simétricos, terá (haverá) interdependência. Nos casos em que as interações não têm efeitos de custo significativos existe somente interconexão. Esta distinção é vital se o objetivo é entender política de interdependência.<sup>18</sup>

O conceito de interdependência traz duas possibilidades distintas. A interdependência em um cenário de conflito, como a ameaça nuclear que equilibrava o cenário entre USA e URSS e a dependência de que os países aliados tem que se apoiar para sair de uma situação que um sozinho não sairia. Isto é feito com uma perspectiva de custo e benefício da relação internacional. Se a análise fosse realizada somente em cenário de benefício mútuo um conceito estéril seria formado. Vide o exemplo de países desenvolvidos e sua indústria usando os recursos de países subdesenvolvidos e sua matéria prima. Nesta situação verificar se a relação é benéfica ou não, por si só, já tornaria o conceito de interdependência inválido. A perspectiva abordada implica que uma relação interdependente sempre vai envolver

---

<sup>17</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. eohane. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977

<sup>18</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. eohane. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977



custos, já que interdependência restringe autonomia, mas é impossível determinar, ao início de um evento, se os benefícios do relacionamento dos estados vai gerar mais benefícios do que custos.<sup>19</sup>

No entanto é fundamental ver que uma relação com muitos benefícios mútuos não gerará conflitos. O cenário de interdependência não se baseia em jogos de soma zero ou não soma zero, já que a assimetria é constante tanto dentro de benefícios, quanto nas capacidades dos atores relacionados na questão analisada.

<sup>20</sup>

Poder não é simplesmente a capacidade de controlar o outro, ou de fazer o outro fazer aquilo que você deseja. Poder não é tão facilmente (mensurável). Ao contrário, os autores introduzem os conceitos de sensibilidade e vulnerabilidade. Sensibilidade é o quão caro e o quão rápido uma ação de outro país afeta o estado considerado até que as políticas sejam ajustadas. Vulnerabilidade é o risco que o estado tem de sofrer custos impostos por eventos externos depois que as políticas já foram alteradas.<sup>21</sup>

A dificuldade de elaborar regulamentações internacionais de maneira internacional e sua efetividade comparada com as leis nacionais fazem com que observadores sejam levados ao erro de crer que regimes internacionais não são importantes no cenário mundial. Mesmo possuindo uma variação enorme de efetividades e poderes os regimes internacionais exercem influência constante. Um de seus principais exemplos é na política comercial mundial.<sup>22</sup>

O cenário da interdependência complexa está imerso em um sistema mundial diferente. Atualmente o mundo se comunica em tempo real, transações internacionais são feitas em segundos e os diversos atores da teoria de Keohane e

---

<sup>19</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. eohane. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977

<sup>20</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. eohane. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977

<sup>21</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. eohane. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977

<sup>22</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. eohane. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977

Nye não teriam a expressividade que tem sem essas ferramentas. Em seguida serão tratadas algumas dessas ideias.<sup>23</sup>

### 1.3 A compressão espaço tempo dada pela tecnologia da informação e seu impacto sobre as transações comerciais.

O neoliberalismo e a financeirização (conceito melhor tratado no capítulo 2) do sistema econômico mundial se dá em maior escala pela redução das “distancias” nas transações que ocorrem. No tempo atual um simples computador em qualquer lugar do mundo pode movimentar quantias e produtos aos milhares. A evolução dos meios de comunicação aliada à infraestrutura mundial reduziram o custo deste tipo de movimentação, o que corrobora para que a movimentação financeira aumente em escala. Isto é isso é um efeito direto da globalização.

Milton Santos em seu livro “Por uma nova globalização: do pensamento único à consciência universal.”<sup>24</sup> tem diversos conceitos que podem embasar as modificações causadas pela aceleração da comunicação e a redução do custo das transações nesta aceleração, e o que estes avanços de tecnologia e processos causam no mundo. Seu conceito de aldeia global, onde as notícias e informações são passadas quase que de imediato e a compressão espaço tempo, tanto de informações quanto do avanço do transporte faz com que o mundo caiba na palma da mão.

Mas somente dentro do contexto do mercado que homogeneiza o planeta. Como consequência a possibilidade de o estado nacional acabar é palpável para o autor. Barreiras físicas que antes eram impeditivas, como distância entre continentes e tempo foram ultrapassadas pela tecnologia da informação. O desenvolvimento desta tecnologia, considerável no tempo compreendido entre as duas crises analisadas, é uma das grandes diferenças em suas causas, velocidade e

---

<sup>23</sup> KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. **Power and Interdependence: World Politics in Transition**. Boston: Little, Brown and Company, 1977

<sup>24</sup> MILTON, SANTOS. “Por uma nova globalização: do pensamento único à consciência universal.” (6ª edição). Rio de Janeiro, RJ. Editora Record 2001

repercussão. Este avanço tecnológico que só aumenta se caracteriza como uma das grandes diferenças entre as crises de 2008 e 1929.<sup>25</sup>

“Seguramente, o peso da riqueza financeira em relação ao produto, a sofisticação (e opacidade) das operações financeiras e a interligação entre os vários segmentos dos mercados em escala global são hoje infinitamente maiores do que no final da década de 1920.”<sup>26</sup>

Especificamente para o mercado financeiro a evolução da tecnologia da informação pode ser tratada de maneira específica, sendo uma redução do custo da transação. De acordo com o novo dicionário de economia Plagave:

“Transaction costs, like production costs, are a catch-all term for a heterogeneous assortment of inputs. The parties to a contract they have to communicate and to exchange information. The goods must be described, inspected, weighed and measured. Contracts are drawn up, lawyers may be consulted, title is transferred and records have to be kept (1988: 676).”<sup>27</sup>

Em seguida:

“Transactions costs, by and large, reduce the volume of transactions. In general equilibrium without transactions costs, the network of exchanges is indeterminate; there is no constraint on the gross trading volume. With increasingly costly transactions, individuals have an ever stronger incentive to economize transactions”<sup>28</sup>

Isso quer dizer que quanto maior o custo para transações, maior é o incentivo para economizar. Em contrapartida, quanto menor o custo de transações, maior é o fluxo de capital.

Nos países em desenvolvimento, onde o fluxo de informações é restrito pela falta de infraestrutura em telecomunicações, direitos autorais são mal definidos e contratos são difíceis de se fazer cumprir, os custos de transações muito

---

<sup>25</sup> MILTON, SANTOS. “Por uma nova globalização: do pensamento único à consciência universal.” (6ª edição). Rio de Janeiro, RJ. Editora Record 2001.

<sup>26</sup> MAZZUCHELLI, FREDERICO “A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008.” Novos Estudos; nov2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts

<sup>27</sup> MAZZUCHELLI, FREDERICO “A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008.” Novos Estudos; nov2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts

<sup>28</sup> MAZZUCHELLI, FREDERICO “A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008.” Novos Estudos; nov2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts

provavelmente são altos. Países como Estados Unidos, com tecnologia de ponta em telecomunicações, mesmo competindo com os russos e japoneses, os estados unidenses tem o maior número de patentes emitidas em tecnologia do mundo. O gigante norte americano encabeça os atos internacionais para garantir os direitos autorais, como exemplo a PIPA (*Preventing Real Online Threats to Economic Creativity and Theft of Intellectual Property Act*) e SOPA (*Stop Online Piracy Act*). O sistema jurídico *Common Law* alterado nos Estados Unidos é todo voltado para interações de empresas e maior independência entre as partes contratantes, para garantir o bom fluxo das transações comerciais do mais baixo ao mais alto nível.

Como estes pontos são extremamente bem desenvolvidos nos Estados Unidos a efetividade com a qual a tecnologia da informação reduz os custos de transações é muito grande. Isso garante uma inserção muito maior na economia global, por meio da troca internacional e investimentos estrangeiros, dois dos principais componentes que definem o conceito de globalização. Não adianta os Estados Unidos terem uma infraestrutura de alto nível e os países com os quais ele negocia não. O desenvolvimento das telecomunicações é a base para que o custo de transações caia em um cenário internacional e é este desenvolvimento que vem sendo trabalhado em nível mundial nos últimos anos.

“Consider, for example, the case of Malaysia, where in 1977, electronic switching accounted for only 7.4 percent of the total switching capacity, but which, by 1987, had reached over 64 percent, a higher level at the time than at least two developed countries. Consider also the case of India, where the indigenous design of small-scale rural exchanges is especially important from the point of view of transactions costs since in that country (as elsewhere in the Third World); these costs tend to be most pronounced in isolated small rural communities. In yet another part of the developing world, Botswana stands out because of the fact that its “physical network is comprised of nearly 100% digital switching and transmission systems”<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup>JAMES, Jeffrey "Information Technology, Transactions Costs and Patterns Of Globalization in Developing Countries" *Review of Social Economy*; Dec2002, Vol. 60 Issue 4, p510.

Com uma rede de telecomunicações se desenvolvendo rapidamente no mundo inteiro, o conceito de Aldeia Global de Milton Santos<sup>30</sup> fica mais evidente. Onde uma carta levaria 10 dias para chegar, um *bite* leva milésimos de segundo. Um título pode ser considerado e analisado por agentes nos mais diversos países do mundo ao mesmo tempo em que o seu criador o coloca disponível na bolsa de valores. A confiabilidade e velocidade dessas informações só tem aumento com o tempo.

Concluindo, as quatro facetas da soberania dentro de uma visão teórica de diversos atores que atuam sobre o governo e a economia estão inseridos em um mundo de comunicações em alta velocidade. O custo de transações econômicas e a facilidade que agora podem ser feitas estimula o aumento constante das transações. Essas transações não podem ser prontamente controladas pelo estado, mas são essenciais para que os outros atores, como uma multinacional, opere plenamente.

No próximo capítulo os fatos históricos focais serão levantados para fazer as conexões entre a questão teórica e os principais eventos evidenciados tanto na crise de 1929 quanto na crise de 2008.

---

<sup>30</sup> MILTON, SANTOS. "Por uma nova globalização: do pensamento único à consciência universal." (6ª edição). Rio de Janeiro, RJ. Editora Record 2001

## Capítulo 2 - As crises de 1929 e 2008 e suas consequências históricas

Este capítulo visa elucidar o contexto histórico em que ocorreram a depressão de 1929 e a crise de 2008, quais parâmetros econômicos vigoravam na época, como o padrão ouro depois de 1919 e o pensamento liberal e neoliberal que afetava as decisões políticas que relacionavam a economia. Um filtro é adotado para restringir os assuntos a pontos comparáveis com a crise de 2008 é a vertiginosa queda de produção, o desemprego e quebra de instituições financeiras.

### 2.1 A crise de 1929

A crise de 1929, também conhecida como *A Grande Depressão* foi uma crise de superprodução em seu cerne. A demanda por produtos tornou-se muito menor do que a produção mundial. Depois da Primeira Guerra Mundial os países europeus estavam devastados e não tinham condição de produzir uma grande parte de produtos, como alimentos, roupas e manufaturados. Os Estados Unidos viram esta chance e montaram uma estrutura grande o suficiente para que abarcasse toda a necessidade europeia. Este aumento de produção garantiu empregos, crédito, consumo acelerado e dividendos para todo o país. Neste ambiente de prosperidade foi criado o *American way of life*. Os recursos que transitavam no país eram mais do que abundantes e quase todos os economistas e líderes estatais previam somente melhora para o futuro.<sup>31</sup>

Em 1928, os EUA nem imaginavam a possibilidade de uma crise. A bolsa de valores transitava valores na casa de 11 bilhões de dólares e todas as esperanças eram as mesmas: prosperidade e mais prosperidade. Uma nota, emitida em primeiro de janeiro de 1929 no *New York Times*, reflete bem o espírito da época:

“But it Will GO hard to get people to think of 1928 as merely a “dead past” which we must make haste to bury. It has been twelfth month of unprecedented advance, of wonderful prosperity – in this country at least... If there is any way of judging the future by the past, this new year may well be on o felicitation and hopefulness.”<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> LIPIETZ, Alain Audácia: uma alternativa para o século XXI. São Paulo, ed. Nobel: 1991

<sup>32</sup> ARNOLD , Thurman “MUST 1929 REPEAT ITSELF?” Harvard Business Review; Jan48, Vol. 26 Issue 1, p32-45, 14p - Tradução do autor: Mas sera difícil para fazer com que as pessoas

Nos EUA pré 1929 os bancos viram na agroindústria a grande chance de investimento. A maioria das instituições financeiras e bancos investiram massivamente em empréstimos para o setor agrícola. Mas não demorou e a Europa se reconstruiu. A capacidade produtiva europeia foi sendo reconstruída com auxílio de planos de assistência, espólios da guerra e tempo. Com isso o consumo dos produtos americanos diminui rapidamente, alimentos e manufaturados agora não tinham tanta demanda como antes. Altas somas de dinheiro foram emprestadas para os fazendeiros, que em meio à queda na demanda se viram sem possibilidade de pagar os bancos. Correntistas com medo da quebra dos bancos sacavam todo o dinheiro dos bancos e com isso o sistema financeiro entra em colapso.<sup>33</sup>

“Entre 1930 e 1933 os Estados Unidos assistiram a três ondas de liquidação bancária que vitimaram nada menos que 11 mil bancos.”<sup>34</sup>

É uma consequência mais do que natural que a oferta de empregos caísse vertiginosamente. O gráfico abaixo evidencia a queda vertiginosa de emprego no período pós 1929:

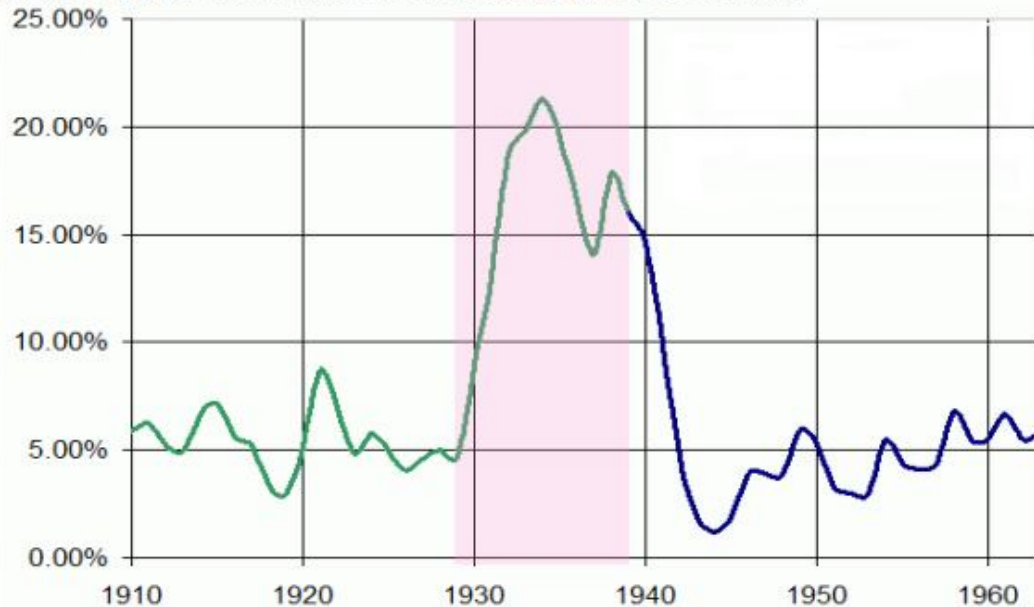
---

tenham em 1928 como meramente um “passado morto” no qual nós devemos ter pressa por enterrar. Este passado foi o décimo segundo mês de avanço sem precedentes, de maravilhosa prosperidade – neste país pelo menos... (se referindo aos EUA) Se existe alguma maneira de julgar o futuro pelo passado, este novo ano pode muito bem ser de felicidade e esperança.

<sup>33</sup> LIPIETZ, Alain Audácia: uma alternativa para o século XXI. São Paulo, ed. Nobel: 1991

<sup>34</sup> MAZZUCHELLI, FREDERICO “A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008.” Novos Estudos; nov2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts. Pag 5

Taxas de desemprego nos Estados Unidos (1910-1960) - Os anos da Grande Depressão (1929-1939) estão em destaque. Desemprego estimado % (1910 a 1939). Desemprego % (1939 em diante).



Fonte: Louis D. Johnston and Samuel H. Williamson, "What Was the U.S. GDP Then?"

Figura 2.1 Taxas de desemprego nos Estados Unidos (1910-1960) – Os anos da Grande Depressão (1929-1939) estão em destaque.<sup>35</sup>

A produção dos Estados Unidos encontrava mais a demanda europeia produtos e com isso os preços começaram a cair. A queda nos lucros fez com que a agroindústria americana tivesse que cortar gastos. O primeiro corte de gastos foi na parte empregatícia. A queda vertiginosa do emprego decorrente da queda na produção fez com que a economia do país se retraísse. O país estava tendo problemas com seus lucros, os bancos com medo de que os empréstimos não fossem pagos, os correntistas retirando seu dinheiro dos bancos, a população sem crédito para consumo, o ciclo econômico desmorona ponto a ponto causando as quedas das bolsas de valores.<sup>36</sup>

“O resultado foi a propagação das quebras, a contração da produção e a explosão do desemprego. O PIB nominal nos Estados Unidos

<sup>35</sup> Encontrado em: <http://www.ideiad.com.br/pped/teses/Tese%20Raul%20Murilo%20Chaves%20Curvo%20UFRJ.pdf> na data de 25/05/2012

<sup>36</sup> LIPIETZ, Alain Audácia: uma alternativa para o século XXI. São Paulo, ed. Nobel: 1991



caiu de US\$ 103,7 bilhões em 1929 para US\$ 56,4 bilhões em 1932, recuperando-se para US\$ 101,3 bilhões apenas em 1939.”<sup>37</sup>

Em 29 de outubro de 1929, uma terça feira conhecida como *Black Tuesday*, ordens de compra e venda foram transitadas mais rapidamente que seres humanos podiam manejá-las. Um recorde de 16.410.000 ações mudou de mãos em decorrência da visível crise que estava por despontar. O clímax foi em 13 de novembro de 29 quando quase todas as bolsas caíram uma média de 200 pontos. O Autor Thurman Arnold usa a expressão “*The ‘Big Bull Market’ was dead*”, para caracterizar a crise nas bolsas de valores de *Wall Street*, numa referência jocosa à morte do touro de bronze do artista Arturo Di Modica localizado em *Wall Street* que caracteriza o otimismo e prosperidades agressivos das bolsas americanas. Figura abaixo<sup>38</sup>



Figura 2.2 Touro de Bronze do artista Arturo Di Modica em Wall Street<sup>39</sup>

A crise se instalou de forma global. A maior economia do mundo teve um colapso, mas as consequências da crise foram muito mais contundentes nos

<sup>37</sup> MAZZUCCHELLI, FEDERICO “A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008.” *Novos Estudos*; nov2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts. Pag 5

<sup>38</sup> ARNOLD, Thurman “MUST 1929 REPEAT ITSELF?” *Harvard Business Review*; Jan48, Vol. 26 Issue 1, p32-45, 14p

<sup>39</sup> Encontrado em <http://chemicallygreen.com/wp-content/uploads/2008/09/the-bull-is-dead.jpg> na data 31/05/2012

próprios Estados Unidos do que em qualquer outro país. Nilson Araújo de Souza coloca uma passagem em seu livro: “Segundo o economista estadunidense Leo Huberman, “em nenhum outro país o colapso foi tão grande, porque em nenhum outro país havia uma expansão tão rápida e espetacular” (HUBERMAN, 1983: 237)”

40

Os principais pontos afetados pela crise foram listados pelo autor:

- “- A renda nacional produzida diminuiu de US\$ 81 Bilhões em 1929 para US\$ 40 bilhões em 1932 – isto é, queda de 50%.
- A produção industrial caiu de um índice de 119 para um de 64 no mesmo período – ou seja, queda de 46,2%.
- O valor dos contratos das construções efetuadas diminuiu 84,6%, revelando que a construção civil foi arrasada;
- As exportações caíram de US\$ 5,2 Bilhões para US\$ 1,6 bilhão (queda de 70%) e as importações reduziram de US\$ 4,4 bilhões para US\$ 1,3 bilhão (redução também de 70%)
- A ociosidade do aparato produtivo subiu de 20% da capacidade instalada em 1929 para 50% em 1932 (DOB, 1976:398); ... a utilização da capacidade instalada caiu de 83% em 1929 para 42% em 1932.”SOUZA,<sup>41</sup>

Um olhar mais próximo revela que a repercussão econômica de um *crash* no mercado depende menos da severidade do *crash* e mais da resposta dos fazedores de política econômica, particularmente os bancos centrais. Depois da crise de 1929, o *Federal Reserve* - FED erroneamente focou suas políticas em preservar a correspondência do dólar no ouro ao invés de estabilizar a economia doméstica. Por aumentar as taxas de juros para proteger o dólar, fazedores de política contribuíram para aumentar o desemprego e piorar a deflação dos preços. O banco central americano só agravou o seu erro por não cortar o colapso do sistema bancário nacional no começo de 1930; a falência dos bancos tanto intensificou o aperto internacional quanto proporcionou um tritramento do crédito que afetava consumidores e pequenas empresas. Se este erro de estratégia do *Federal Reserve* não tivesse ocorrido, existe tem pouco motivo para acreditar que a crise de 1929 tivesse sido seguida por uma forte queda na atividade da economia americana como aconteceu.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> SOUZA, NILSON ARAÚJO de. ECONOMIA INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA: Da Depressão de 1929 ao Colapso Financeiro de 2008. 1ª edição. 2009. Pag 18.

<sup>41</sup> NILSON ARAÚJO de. ECONOMIA INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA: Da Depressão de 1929 ao Colapso Financeiro de 2008. 1ª edição. 2009. Pag 19

<sup>42</sup> BERNANKE, Ben S. “A crash Course for Central Bankers” found at [http://www.foreignpolicy.com/articles/2000/09/01/a\\_crash\\_course\\_for\\_central\\_bankers](http://www.foreignpolicy.com/articles/2000/09/01/a_crash_course_for_central_bankers) on 24/11/2011

As ações tomadas pelo governo dos Estados Unidos em 1929 foram insuficientes para estancar o processo cíclico da crise. As ações tomadas eram incompatíveis com o padrão-ouro, algo que deveria ter sido colocado como secundário em vista da necessidade de liquidez do mercado americano. Uma sequência de quebras se deu; quebra da produção, das bolsas e investimentos levando a um enorme desemprego. O Produto Interno Bruto - PIB americano caiu de 103,7 bilhões em 1929 para 56,4 bilhões em 1932. Uma recuperação só aconteceu sete anos depois. No período de 1930-33 mais de 10 mil bancos foram a falência, liquidando todos os seus ativos para cobrir os passivos. Só em 1933 que foi permitida a flutuação do valor do dólar sobre o ouro.<sup>43</sup>

No contexto de 1929, uma intervenção estatal como a que ocorreu em 2008, que será tratada a frente, não seria possível. Na época o que determinava a economia eram as diretrizes do padrão ouro, em vigor mais uma vez desde 1919. As ações de expansão fiscais eram cotadas como inflacionarias e corroboravam para a desvalorização cambial. Isso anulava em parte a maleabilidade da política fiscal, mas na época a política cambial era a mais importante.<sup>44</sup>

Mesmo mantendo o padrão ouro, as ações tomadas na época em resposta a crise foram insuficientes. O resultado foram os pontos já tratados, a propagação de quebras, a contração da produção e o aumento do desemprego. O PIB nominal dos Estados Unidos da América caiu de US\$ 103,7 bilhões em 1929 para US\$ 56,4 bilhões em 1932, somente em 1939 houve uma recuperação para o patamar de US\$ 100 bilhões, como demonstrado no gráfico abaixo.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> BERNANKE, Ben S. "A crash Course for Central Bankers" found at [http://www.foreignpolicy.com/articles/2000/09/01/a\\_crash\\_course\\_for\\_central\\_bankers](http://www.foreignpolicy.com/articles/2000/09/01/a_crash_course_for_central_bankers) on 24/11/2011

<sup>44</sup> (MAZZUCCHELLI, FEDERICO "A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008." Novos Estudos; Nov 2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts. Pag 3

<sup>45</sup> MAZZUCCHELLI, FEDERICO "A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008." Novos Estudos; Nov 2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts. Pag 5

**TABELA 3**

Estados Unidos: Indicadores econômicos selecionados (1929-1941)

	PIB Real 1932=100	Produção Industrial 1932=100	Formação privada bruta de capital fixo (US\$ bilhões)	Consumo pessoal (US\$ bilhões)	PIB nominal (US\$ bilhões)
1929	139,2	185,1	15,0	77,5	103,7
1932	100,0	100,0	3,6	48,7	56,4
1933	98,0	116,4	3,2	45,9	66,0
1934	105,6	126,9	4,2	51,5	73,3
1935	114,1	152,2	5,5	55,9	83,7
1936	130,4	179,1	7,4	62,2	91,9
1937	136,8	191,1	9,6	66,8	86,1
1938	130,6	149,3	7,6	64,2	92,0
1939	140,9	189,6	9,1	67,2	101,3
1940	152,2	219,4	11,2	71,2	126,7
1941	179,0	291,0	13,8	81,0	161,8

Fonte: Mazzucchelli, op. cit.

Figura 2.3 Estados Unidos: Indicadores econômicos selecionados (1929 – 1941)<sup>46</sup>

Somente com a imposição de critérios rígidos para a regulação do sistema financeiro foi que os Estados Unidos foram capazes de passar pelos aspectos mais complexos da crise. Entre estes critérios se encontram o saneamento do setor bancário, baseado na regulamentação do sistema financeiro com dispositivos egais criados para estes fins. Além disso, depois da regulação, por volta de 1933, os Estados Unidos abandonaram a paridade entre o dólar e o ouro. Mesmo o dólar caindo vertiginosamente na época o estado Americano tinha ciência que a flutuação cambial poderia ser usada na política pela reinflação. Sem a atrelar os juros ao cambio fixo os bancos tiveram mais margem para voltar a irrigar o sistema com empréstimos.<sup>47</sup>

Uma abordagem mais prática também foi executada. Em 1929 aproximadamente um quarto da população empregada no país era da área agrícola. Então a sensibilidade dos fatores de balanço interno relacionados à questão do

<sup>46</sup> MAZZUCHELLI, FREDERICO "A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008." Novos Estudos; Nov 2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts. Pag 6

<sup>47</sup> MAZZUCHELLI, FREDERICO "A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008." Novos Estudos; Nov 2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts. Pag 8

campo era muito maior. Uma política de ajuste dos preços da produção agrícola foi implementada para mitigar a profundidade e permanência da depressão.<sup>48</sup>

## 2.2 A crise de 2008

A crise de 2008 foi o ápice de uma série de fatores que deslancharam na mais recente crise capitalista da história da economia mundial. Deixou consequências na maneira como o mundo encara o mercado financeiro e especulações, assim como a volta massiva da interferência do Estado na economia para sustentar as instituições financeiras que deveriam, contando apenas com a mão invisível do mercado, ter declarado falência.

Algumas tendências foram contabilizadas nos Estados Unidos antes da crise de 2008. Primeira a inflação muito baixa, que dava a possibilidade ao *Federal Reserve* (FED) de manter os juros muito baixos. Esta baixa de juros fazia com que a maioria das aplicações tradicionais das financeiras rendesse um lucro muito baixo. A segunda tendência foi a desregulamentação financeira que fazia com que os bancos e instituições entrassem em grande concorrência dentro do ramo de serviços não tradicionais.<sup>49</sup>

A crise de 2008 tem sua origem historicamente no princípio do século XX onde um tipo de capitalismo bem sucedido nos EUA foi instaurado. O “regime fordista de acumulação” e depois, com a criação de classes políticas que apoiavam os agentes financeiros no mundo financeiro o capitalismo foi se tornando mais complexo e organizado ou “tecnoburocrático”. Depois de 1977 o capitalismo foi novamente transformado de um sistema de produção para um sistema financeiro. Isso beneficiava principalmente os 2% mais ricos do mundo. Dentre eles formadores de políticas internacionais como os EUA e a Inglaterra.<sup>50</sup>

---

<sup>48</sup> MAZZUCHELLI, FREDERICO “A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008.” Novos Estudos; Nov 2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts. Pag 10

<sup>49</sup> CARVALHO, Fernando Cardim de; DOSSIÊ DA CRISE – “Entendendo a Crise Financeira Mundial.” Pag 15 - Novembro de 2008; Encontrado em: <http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crise.pdf>

<sup>50</sup> BRESSER-PEREIRA “A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?” Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72

O neoliberalismo visava alguns objetivos em específico: flexibilizar as leis de proteção ao trabalho para reduzir os custos indiretos com salários, reduzir o porte do aparelho do Estado e desregulamentar os mercados, principalmente o financeiro. Argumentos tipicamente capitalistas foram utilizados para justificar a série de mudanças efetuadas nas legislações nacionais, nos costumes do mercado e até mesmo na maneira como as pessoas encaravam o mundo financeiro; recompensar os melhores, mercados autorregulados e eficientes, existem somente indivíduos e não uma sociedade e a negação da hipótese de interesse público são os preceitos mais enfáticos do liberalismo.<sup>51</sup>

A financeirização se firmou como o novo regime de acumulação de capital. Ela tem três características principais: Um enorme aumento do valor total dos ativos financeiros em circulação no mundo, como consequência da multiplicação dos instrumentos financeiros facilitada pela securitização e pelos derivativos ("Derivativos são instrumentos financeiros que têm seus preços derivados (daí o nome) do preço de mercado de um bem ou de outro instrumento financeiro"<sup>52</sup>); a separação entre a economia real e a economia financeira, com a criação descontrolada de riqueza financeira fictícia em benefício dos capitalistas; e um grande aumento da taxa de lucro das instituições financeiras, sobretudo de sua capacidade de pagamento de grandes bonificações aos operadores financeiros por sua habilidade de aumentar as rendas capitalistas. Quer dizer que agora o crédito não estava somente nos empréstimos de banco, mas nos títulos transacionados entre as partes. Isso aumentava e muito o risco nas transações financeiras.<sup>53</sup>

A desregulamentação do mercado financeiro deu espaço para que o mercado especulativo movimentasse somas de dinheiro virtuais infinitamente maiores do que as somas realmente produzidas pela economia real. Isso se deu muito pela ideologia de que o estado não deve interferir na economia. O neoliberalismo contribuiu

---

<sup>51</sup> CARVALHO, Fernando Cardim de; DOSSIÊ DA CRISE – "Entendendo a Crise Financeira Mundial." Pag 15 - Novembro de 2008; Encontrado em: <http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crise.pdf>

<sup>52</sup> Encontrado em <http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/iniciantes/mercados-de-derivativos/o-que-sao-derivativos/o-que-sao-derivativos.aspx?idioma=pt-br> na data 31/05/2012

<sup>53</sup> BRESSER-PEREIRA "A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?" Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72

ativamente na falta de verificação das operações do sistema financeiro que entrou em crise.<sup>54</sup>

O capital derivado das especulações e movimentações financeiras ultrapassou e muito o capital real do mundo. Existia então uma economia real e uma fictícia. Como base de comparação a oferta de moeda nos Estados Unidos em 2007 (US\$9.4 trilhões), a dívida securitizada naquele ano era quatro vezes maior e a soma dos derivativos, dez vezes maior. (Ver Roche, David e McKee, Bob. *New monetarism*. Londres: Independent Strategy, 2007, p. 17. Em 2007 a soma da dívida securitizada era três vezes maior do que em 1990, e o total dos derivativos, seis vezes maior.)<sup>55</sup>

Os mercados financeiros não tradicionais tiveram como seu ápice de lucratividade o financiamento imobiliário americano. No começo era um mercado de lucratividade certa, mas lenta. Utilizando a questão que mais tarde seria conhecida como subprime, a expectativa era ampliar o mercado:

“Contratos de financiamento de compra de residências, chamados de hipotecas residenciais, são contratos de longa duração, em que o próprio imóvel é dado em garantia do empréstimo. O comprador não se torna proprietário do imóvel até que o pagamento seja completado. Se o comprador der um calote, o financiador simplesmente retoma o imóvel, podendo então revendê-lo para recuperar seu prejuízo. O banco financiador da hipoteca normalmente não deseja retomar o imóvel. Quando isso acontece, não apenas o banco perde a receita de juros sobre o empréstimo, como ainda tem que cobrir as despesas de conservação do imóvel, de revenda para terceiros etc.”<sup>56</sup>

A questão é que para tirar este tipo de empréstimo uma avaliação das finanças do tomador do empréstimo é normalmente feita. Mesmo em um país desenvolvido como o americano a parcela da população que não se enquadra para um empréstimo imobiliário é muito grande. Então para explorar essa grande parcela da população juros maiores e/ou prêmios maiores foram estipulados pela financeira,

---

<sup>54</sup> SOUZA, NILSON ARAÚJO de. *ECONOMIA INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA: Da Depressão de 1929 ao Colapso Financeiro de 2008*. 1ª edição. 2009.

<sup>55</sup> BRESSER-PEREIRA "A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?" *Novos Estudos*; mar2010, Issue 86, p51-72

<sup>56</sup> CARVALHO, Fernando Cardim de; *DOSSIÊ DA CRISE - Entendendo a Crise Financeira Mundial*. Pag 16 - Novembro de 2008; Encontrado em: <http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crise.pdf>

visando maiores lucros. Modelos estatísticos para verificar quem era um tomador viável foram tomados ao invés de análises caso a caso. O termo *subprime* veio dos americanos que tiravam somas de dinheiro baseadas em prêmios que eles não tinham como pagar.

Dentro destes modelos estatísticos, o crescimento americano aliado ao baixo índice de desemprego que a partir de 2008 teve uma enorme subida, chegando à quase o dobro de sua porcentagem em 2010 (ver a tabela abaixo), dava a grande parte da população que não se enquadrava em um empréstimo imobiliário, aprovação para que o dinheiro fosse sacado. De início, parte da população consciente do problema que poderia acarretar a tomada destes empréstimos, preferia não pegar o empréstimo com juros ou cobranças tão altas. Então uma das estratégias utilizadas pelas financeiras e bancos foi cobrar juros mais baixo no início do pagamento e depois ir aumentando os juros dramaticamente.

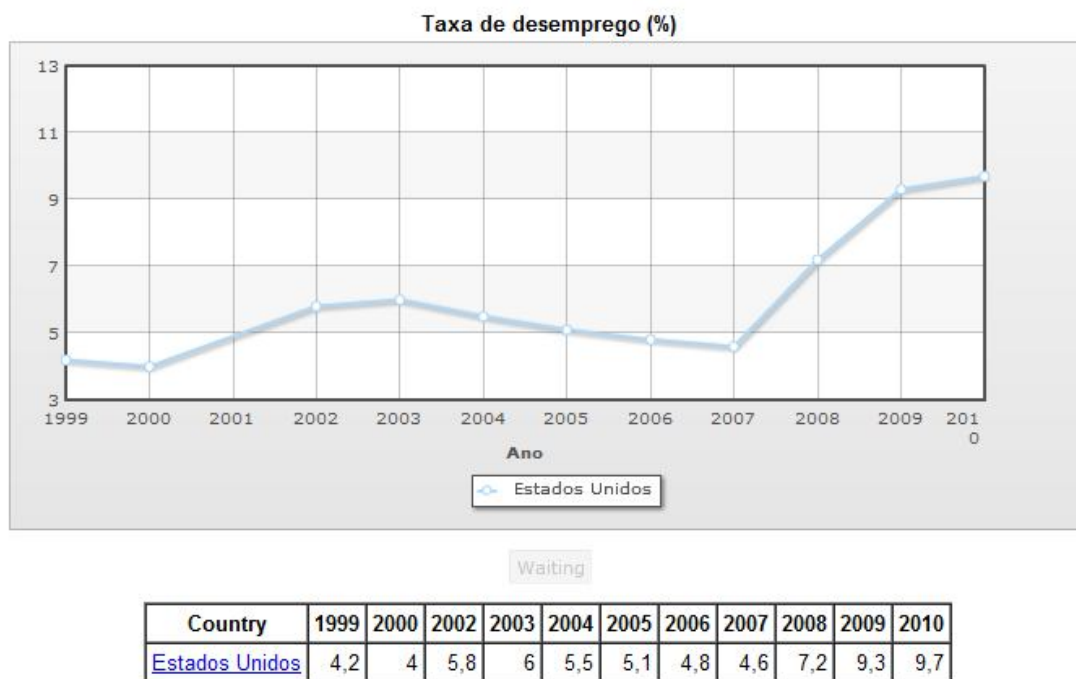


Figura 2.4 Taxa de desemprego % (referente ao aumento da taxa de desemprego nos EUA pós 2008)<sup>57</sup>

<sup>57</sup> Encontrado em <http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=74&c=us&l=pt> na data 25/04/2012



Em cima destes empréstimos dos *subprimes* que deveriam gerar uma renda constante as instituições financeiras bolaram um outro processo para lucro chamado securitização. Basicamente era utilizar a renda do *subprimes* como lastro para títulos financeiros que eram vendidos mundo a fora. Como não é possível rastrear quais hipotecas faziam parte de cada título não era possível verificar qual o risco na compra destes títulos. Os títulos eram caracterizados como crédito direto das instituições financeiras americanas, na teoria, as mais rentáveis e estáveis.<sup>58</sup>

No final de 2006, ao mesmo tempo que grande parte dos juros dos subprimes foram reajustados para cima, a economia americana se encontrava ligeiramente abalada. Com a economia fraca alguns não tiveram como pagar os seus juros e com o reajuste de juros vários outros não conseguem mais arcar com as dívidas hipotecárias. Como ocorreu em larga escala, os compradores dos títulos lastreados nos subprimes se preocupam com a liquidez de seus títulos e os colocam à venda para se livrar de um possível problema. No entanto, como já é generalizado o conhecimento do problema, acaba por não existir compradores. O mercado começa a associar estes títulos podres à todos os títulos que são lastreados em hipotecas, causando uma queda vertiginosa dos preços.<sup>59</sup>

A falência das instituições financeiras, inclusive bancos, acontece porque quase todos praticavam a venda de títulos lastreados no subprime e grande parte das suas receitas eram baseadas nisto. Mesmo aqueles que não chegam a falência tem problemas nas suas relações ativo X passivo.<sup>60</sup>

“O resultado é que os bancos e financeiras” remanescentes “passam a emprestar menos, empresas se vêem sem capital de giro para produzir e consumidores deixam de adquirir bens duráveis porque não há crédito. Em suma, a economia real começa a esfriar, o crescimento econômico se desacelera ou se transforma em

---

<sup>58</sup> CARVALHO, Fernando Cardim de; DOSSIÊ DA CRISE - Entendendo a Crise Financeira Mundial. Pag 18 - Novembro de 2008; Encontrado em: <http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crise.pdf>

<sup>59</sup> DOSSIÊ DA CRISE - Entendendo a Crise Financeira Mundial. Pag 20 - Novembro de 2008; Encontrado em: <http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crise.pdf>

<sup>60</sup> DOSSIÊ DA CRISE - Entendendo a Crise Financeira Mundial. Pag 21 - Novembro de 2008; Encontrado em: <http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crise.pdf>

contração, o desemprego cresce e o risco de uma recessão séria se instala.”<sup>61</sup>

O esfriamento da economia americana nunca foi tão real. Mas, além disso, as bolsas de valores tiveram quedas que carregaram consigo todas as outras bolsas de valores do mundo. As empresas de capital aberto tiveram uma queda de 42% em suas ações em 2008. Os únicos papéis que estavam se valorizando durante a crise eram as dívidas públicas de países de primeiro mundo e títulos em ouro, um reflexo dos investidores que buscavam estabilidade para os capitais atribuídos. Abaixo um gráfico demonstrando a queda da taxa de crescimento da produção industrial dos Estados Unidos da América no período da crise de 2008, sendo que é possível ver o ponto mais baixo de queda de produção no ano seguinte à 2008. O percentual foi o mais baixo em 10 anos.<sup>62</sup>



Country	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Estados Unidos	2,4	5,6	-3,7	-0,4	0,3	4,4	3,2	4,2	-1,7	-2	-5,5	3,3

Figura 2.5 Taxa de crescimento da produção industrial (%) (referente a taxa de produção industrial dos EUA no período da crise de 2008)<sup>63</sup>

<sup>61</sup> DOSSIÊ DA CRISE - Entendendo a Crise Financeira Mundial. Pag 21 - Novembro de 2008; Encontrado em: <http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crise.pdf>

<sup>62</sup> SOUZA, NILSON ARAÚJO de. ECONOMIA INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA: Da Depressão de 1929 ao Colapso Financeiro de 2008. 1ª edição. 2009.

<sup>63</sup> Encontrado em <http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=78&c=us&l=pt> na data 25/04/2012

Muitos colocam que 15 de setembro de 2008 foi quando a economia mundial caiu de um penhasco. Este foi o dia que o *Lehman Brothers* declarou falência, fazendo com que diversos mercados entrasse em crise e o crédito ao redor do mundo fosse congelado. O Lehman Brothers não tinha capital investido somente nos EUA, assim como diversas outras instituições financeiras ele também praticava a securitização (como já mencionado) <sup>64</sup>

“Segundo a FAO, com a queda da renda dos pobres devido a crise e a manutenção dos preços internacionais de mercadorias alimentares em níveis elevados, o número de pessoas desnutridas no mundo aumentou em 11% em 2009 e, pela primeira vez, superou um bilhão.”

<sup>65</sup>

Os líderes mundiais optaram por um foco no desafio inicial de prender a queda sincronizada na demanda global devido à crise, mesmo se isso significasse que os países em débito como os Estados Unidos ariscassem fazer mais do que a sua parte no levantamento de peso enquanto países excedentes não fizessem o bastante. O conselheiro econômico da Casa Branca, Lawrence Summers, foi muito explícito sobre isso na revista “Financial Times”: “A agenda global de desequilíbrios estava definida como mais demanda na China, menos demanda na América. Ninguém pensa que esta agenda é certa agora. Não tem lugar nenhum que deveria estar reduzindo sua contribuição para a demanda global no presente momento. Agora temos uma agenda de demanda universal.” <sup>66</sup>

A crise de 2008 mostrou que o neoliberalismo irrefletido que norteou as relações econômicas em grande parte do mundo e principalmente nos Estados Unidos não pode ser tomado como verdade. A mão invisível que regula o mercado de Adam Smith não tem capacidade para regular o capitalismo ou seus agentes. Os mercados não tem uma racionalidade inerente que faz com que sejam autorregulados e ajustados à medida que o fluxo de capital ocorre. Antes da crise de 1929 esta concepção era tomada como guia, na crise um maior controle foi

<sup>64</sup> SETSER, Brad. “Imbalance of Powers” Found at [http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/04/14/imbalance\\_of\\_powers](http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/04/14/imbalance_of_powers) on 24/11/2011

<sup>65</sup> BRESSER-PEREIRA “A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?” Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51

<sup>66</sup> SETSER, Brad. “Imbalance of Powers” Found at [http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/04/14/imbalance\\_of\\_powers](http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/04/14/imbalance_of_powers) on 24/11/2011

implementado até Margaret Thatcher e Ronald Reagan nos anos 80. Novamente uma vertente conservadora foi tomada e a liberalização dos mercados se instalou. A euforia das finanças desregulamentadas levou o mercado à crise atual.<sup>67</sup>

Ao contrário do que ocorreu na depressão de 1929 a crise de 2008 teve uma resposta ampla e quase imediata por parte dos países afetados, inclusive dos Estados Unidos da América. A questão neoliberal foi abandonada de pronto e o país americano tomou para si a responsabilidade de defesa das instituições financeiras, a provisão de liquidez, a garantia integral dos depósitos, a redução das taxas de juros básicas e a tentativa de fazer com que o crédito não fosse contraído ao extremo.<sup>68</sup>

Exemplos disso são os 2,25 trilhões de dólares que foram injetados no sistema bancário para garantir as dívidas emitidas pelos bancos, os depósitos de fundos mútuos, e a capitalização dos grandes bancos do país. Se essa injeção de dinheiro não tivesse sido feita tão prontamente o colapso teria sido muito maior, visto a fuga desenfreada para os títulos da dívida pública que ocorreram na época. O objetivo maior do governo é a restauração do circuito crédito-gasto-renda, e para isso o governo dos Estados Unidos viu como possibilidade real de estatizar (até mesmo em parte) o sistema financeiro nacional.

Ações têm sido tomadas pelos Estados Unidos todos os dias para garantir a liquidez de seu mercado, o funcionamento dos seus bancos e a tranquilidade da sua economia, mas os efeitos da crise de 2008 ainda não foram mapeados por completo. Seus efeitos ainda vigoram em diversos aspectos. A crise europeia com a Grécia e outros países inadimplentes são exemplos vivos de que outros efeitos da crise ainda estão por se mostrar.

Este capítulo demonstra historicamente os eventos que se transcorreram na crise de 1929 e 2008. A teoria de Keohane e Nye já foi introduzida no capítulo um. Por ela os principais eventos das duas crises vão ser vistas e classificadas dentro da divisão do conceito de soberania feita por Krasner. Essa correlação transcorrerá no próximo capítulo.

---

<sup>67</sup> MAZZUCHELLI, FEDERICO "A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008." *Novos Estudos*; nov2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts. Pag 5

<sup>68</sup> MAZZUCHELLI, FEDERICO "A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008." *Novos Estudos*; Nov 2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts. Pag 3

### **Capítulo 3 - Relações entre as crises, o Neoliberalismo, a interdependência complexa, os conceitos de Soberania e perspectivas para a soberania Americana .**

Neste capítulo serão abordados os fatos e conceitos vistos nos capítulos anteriores. Primeiramente, é realizada uma classificação dos principais eventos listados no capítulo teórico dentro da teoria de Keohane e Nye com as definições dos diferentes tipos de soberania colocados por Krasner. Logo em seguida, uma crítica aos modelos liberais e neoliberais, que são considerados, pelos autores estudados, como os principais motivos para ambas as crises. Juntamente as informações principais sobre Bretton Woods, evento marcante pós 1929, e o acordo de Basileia III, evento marcante após 2008. Depois uma colocação dos principais conceitos e perspectivas sobre a soberania americana após os eventos das crises.

#### **3.1 Relação dos principais tópicos de 1929- 2008 com a Interdependência Complexa e os conceitos de Soberania.**

Dentro das perguntas e conceitos dos autores utilizados no ensaio, é possível encaixar as crises financeiras internacionais como pontos referenciais. No contexto de 1929, a interdependência EUA X Europa era grande, em relação ao de 2008, onde o volume de papéis negociados pelo mundo inteiro, não apenas esses dois polos, era muito alto.

As diferenças e semelhanças entre as crises são notáveis. Na primeira, a dependência do mercado consumidor europeu era o que garantia a altíssima produção americana, e no contexto de falta de políticas mais restritivas, levou à uma explosão interna quando a demanda europeia caiu. Na segunda, o mercado financeiro criou uma bolha especulativa em um setor específico da economia que com o aumento se rompeu, essa bolha se deu pela falta de políticas restritivas e de fiscalização.

Mas em ambos os casos o impacto destas crises foi mundial e a soberania estatal americana sofreu fortes abalos.

Os próximos tópicos serão abordados usando o primeiro capítulo deste trabalho como referência do contexto de 1929 focando em suas consequências.

Após a reconstrução da capacidade produtiva europeia, a produção americana se viu em risco. Uma queda na produção era o reflexo mais evidente. A grande redução da produção americana se encaixa em dois aspectos, um de Keohane e Nye e outro de Krasner. A interdependência na questão econômica se faz evidente quando uma situação extraordinária, como o pós-primeira guerra mundial, gerou uma situação de alta demanda, concomitante a uma falta de controle e falta de previsibilidade das atividades econômicas criaram a possibilidade para a crise. E a perda de controle na produção nacional é um problema na soberania Westphaliana, pois o país tem que tomar decisões na sua política interna baseada em modificações do cenário internacional.

O problema do desemprego decorrente do pânico econômico geral e queda da produção pode ser enquadrado como a mudança de outros atores soberanos afetam diretamente a soberania de um estado. No caso dos Estados Unidos, o desemprego afetou a soberania doméstica, pois não era mais possível às autoridades manter controle efetivo dentro das fronteiras nacionais. De acordo com o artigo de 1933 do *The Saturday Evening Post* "UNEMPLOYMENT -- WHAT WE DO ABOUT IT"<sup>69</sup> grande parte da população que trabalhava para as grandes indústrias que alimentavam a Europa foi demitida antes mesmo do ápice da crise de 1929. Sistemas de apoio àqueles que não tinham mais renda foram criados. Os americanos eram instruídos a não dar esmolas, ao invés, ajudar os sistemas de apoio espalhados pela cidade. Em 1933 25% da população americana estava desempregada. A insegurança da população era uma ameaça direta à soberania doméstica americana.<sup>70</sup>

Algo similar ao problema do desemprego de 1929 ocorreu novamente em 2008, mas com causas diferentes. Em qualquer crise econômica o desemprego é fator recorrente ao esfriamento das transações comerciais. Em 2008, o problema se deveu muito à perda de confiança de todos, correntistas normais até investidores internacionais de alto fluxo, nas instituições norte-americanas. O medo da quebra dos bancos e instituições ocasionou uma corrida para se livrar de títulos,

---

<sup>69</sup> GARRET, Gareth; "Unemployment - What we do about it" The Saturday Evening Post 11 Março 1933.

<sup>70</sup> GARRET, Gareth; "Unemployment - What we do about it" The Saturday Evening Post 11 Março 1933.

investimentos e também para recuperar o dinheiro dos bancos antes que estes pudessem quebrar.

Característica comum às duas crises foi a quebra dos bancos. Parte fundamental do sistema financeiro nacional, o setor bancário é afetado contundentemente por uma alteração no contexto internacional. O cenário internacional de vantagens em que os EUA estavam inseridos desmoronou, afetando sua capacidade de regular políticas públicas e fiscais, logo, afetando também sua soberania doméstica. Os bancos não tinham mais dinheiro em caixa pois os correntistas retiraram o que foi possível, em 1929, e em 2008 ficaram insolventes em função dos créditos podres dentre seus ativos. Não têm mais fluxo de caixa para emprestar e menos pessoas tomam empréstimos em função dos altos juros gerados pela falta de crédito e de garantia de investimentos.

*Black Tuesday* foi o ápice da crise financeira de 29. É um momento marcante que mostra a quantidade de papéis sendo negociados na tentativa de evitar o prejuízo. A perda de 12% de valor de mercado quando todos os investidores tentavam retirar o dinheiro que haviam investido criou caos em *Wall Street*.<sup>71</sup> Este fato é representativo de uma série de aspectos: a vulnerabilidade do sistema financeiro americano que necessitava de estabilidade externa nacional, a falta de controle sobre processos que deveriam ser internos, a dependência de um sistema interdependente da movimentação de títulos e capitais.

Na crise de 2008 se evidencia um claro problema de soberania interdependente, que sempre vai afetar os países em qualquer flutuação maior de possibilidade de investimento. Explicando melhor, os EUA não mais podiam controlar a crise depois que a mesma se instaurou. Eles não tinham controle sobre os títulos que saíram do país nem sobre quem está investindo no que dentro do seu próprio país. Existe até mesmo a possibilidade de que inimigos do estado americano comprem e gerenciem títulos da dívida pública americana, visto a disponibilidade das mesmas no mercado internacional.

Sob a concepção da interdependência complexa a relação entre estados aumentou com o passar do tempo, isso se deu pela globalização, facilidades da tecnologia e aumento do comércio internacional.

---

<sup>71</sup> Current Events; 1282008, Vol. 107 Issue 15, p5-5, 13p

No contexto de 2008 existem outros fatores. Os Estados Unidos da América encabeçavam os conceitos de liberalização econômica onde restrições e regulamentações ao mercado eram vistas como negativas. De acordo com a visão liberal era negativo super-regulamentar ou fiscalizar “excessivamente” o mercado. Esta característica impediu que analistas vissem melhor a questão dos subprimes que são contratos de financiamento de compra de residências, uma hipoteca das casas. Estes contratos têm uma longa duração onde o próprio imóvel é dado em garantia do empréstimo. Em caso de não pagamento aquele que emprestou o dinheiro toma o imóvel para revender e recuperar o valor emprestado. No entanto, realizar esta operação gera custos para o banco, custo de avaliação, venda, e de manutenção do imóvel enquanto o mesmo não é vendido. Estes custos tornam pouco interessantes a retomada do imóvel. O que caracteriza o nome “*subprimes*” é que estes empréstimos estavam sendo feitos para pessoas que não tinham renda o suficiente para pagar o empréstimo, como já tratado.

O sistema financeiro da década de 90 foi marcado pelas fortes pressões competitivas com financeiras invadindo espaços de bancos e vice-versa. As instituições que prestavam serviços de crédito, todas elas, foram obrigadas a flexibilizar o máximo possível os seus estilos de aplicação. Os subprimes foram somente um dos setores em que o dinheiro virtual foi aplicado de maneira mais intensa, e desta forma, com um grande número de instituições querendo ganhar uma parte dos empréstimos imobiliários, a bolha especulativa aumentou. Além disso, contando com a renda proveniente desses empréstimos sem lastro, os bancos e investidores começaram a lançar títulos baseados na renda destes empréstimos, e estes títulos podres que correram todo o mundo.

O controle dos fluxos de produtos, capital e informações entre os Estados Unidos da América e outros países não podem mais ser controlados de maneira efetiva. Isso é um problema de Soberania Interdependente que se encaixa muito bem no cenário de atores diversos em alto escambo de dados da Interdependência Complexa.

No cenário interdependente de países aliados, onde não existe guerra entre as partes ou as tensões são baixas o suficiente para não evitar relações comerciais, papéis que correspondem à investimentos, títulos, commodities e outros são transacionados entre diversos países em uma cadência muito alta. Em 2008 os



Estados Unidos transacionavam ações da mais alta garantia, certificados AA que em grande parte eram “lastreados” por expectativa de receber os rendimentos dos títulos do sistema financiamento imobiliário americano. Títulos da dívida pública americana, crédito de bancos privados e boa parte do mercado futuro americano tinham uma parcela no que foram os subprimes. Estes títulos que pressupunham o rendimento do sistema de compras de imóveis americanos, por uma falta de fiscalização e uma pobre previsão de mercado, como já explicado, se transformaram em dívidas. Desta forma, todos os títulos que tinham um mínimo de participação nos subprimes viraram um prejuízo. Não existe como, no cenário interdependente atual, com alta disponibilidade de transacionar valores, manter o dinheiro, os bens ou os títulos em território americano. É um ponto a ser encaixado na soberania interdependente de cada um dos países que adquiriram estes títulos podres.

A enorme estabilidade do mercado americano, aliada à estratégia de baixos juros do *Federal Reserve* (FED) fez com que as financeiras e bancos tivessem baixos ganhos com investimentos mais tradicionais. A estratégia adotada pelo mercado financeiro foi a expansão das possibilidades de crédito, sendo uma de suas principais alternativas os financiamentos imobiliários, como já visto. Com a crise, o crédito tanto dos bancos quanto das financeiras foi encurtado. Sem dinheiro para emprestar e com os rendimentos caindo, os bancos vieram a falência. Analisando superficialmente, os bancos “faliram” da mesma maneira em 1929 e 2008: por não ter dinheiro em caixa para investimentos e empréstimos e problemas para receber os investimentos que já foram feitos com o crédito que o banco tinha disponível. Mas os motivos pelo qual eles faliram foram bem diferentes. Em 2008 os bancos tiveram um problema de uma crise de confiança. Quando a bolha especulativa americana estourou, a retração do mercado foi enorme. O medo de perder os investimentos feitos nas instituições financeiras estagnou o mercado e quebrou as instituições.<sup>72</sup>

A falência do *Lehman Brothers* foi o ápice (da crise) de 2008, a maior falência de um banco na história dos Estados Unidos, e talvez um erro grave do governo americano. Se uma política de solvência desta instituição tivesse sido posta em prática rapidamente, a insegurança geral teria sido menor. O mercado financeiro reagiu muito mal à falência do banco e a *Down Jones Industrial Average* caiu mais

---

<sup>72</sup> Associação Keynesiana Brasileira “Dossiê da Crise” – Encontrado em <http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crie-l.pdf> em 23 de outubro de 2011.

de 500 pontos ao final da sessão daquele dia. No primeiro sinal de uma perda quartenal do banco de 158 anos de idade já foi possível ver a saída de instituições depositórias e correntistas primários.<sup>73</sup> A perda de confiança da sociedade no sistema financeiro nacional é uma amostra da falta de controle do estado sobre a economia que afeta diretamente a população, quer dizer, um problema à Soberania Doméstica dos Estado Unidos.

Na próxima sessão uma visão dos motivos pelos quais as crises se deram. Que foram, basicamente, a falta de controle e fiscalização do estado sobre as atividades econômicas e financeiras. Uma visão dos preceitos neoliberais e desregulamentação da economia é criticada pelo autor Bresser-Pereira e é colocada como uma das principais gatilhos das crises.

---

<sup>73</sup> Applied Financial Economics; Mar2012, Vol. 22 Issue 5, p375-385, 11p, 6 Charts, 1 Graph

### 3.2 O Neoliberalismo e sua influência nas crises.

Os Estados Unidos lideraram por muito tempo o pensamento hegemônico do neoliberalismo. Até hoje o país ainda defende certos preceitos, e este pensamento liberdade do mercado de se auto regular ainda não caiu;. Mas a mão invisível que coordena o mercado de Adam Smith<sup>74</sup> deu brechas para as duas maiores crises da história americana. Para que o neoliberalismo funcione ele precisa de uma série de pré-requisitos, a saber: atitudes que não só desregulamentava o seu próprio mercado, mas o mercado global, do pressuposto da democracia e da liberdade financeira apoiada pela redução dos custos de transação o gigante norte americano fez pressão, guerra e bloqueios contra aqueles que não seguiam as suas ideias liberais. A história já comprovou em 29 que o liberalismo tinha um risco alto demais. O erro foi repetido após os 30 anos dourados de 1970, em 2008.<sup>75</sup>

Medir o fracasso econômico do neoliberalismo, mesmo que superficialmente, visto a complexidade de uma crise econômica, pode ser realizado medindo-se quantas incidências de crise ocorreram em períodos definidos de tempo. Enquanto no período de 1945 a 1971 o mundo passou por apenas 38 crises financeiras, entre 1973 e 1997 passou por 139 delas, ou seja, no segundo período houve entre três e quatro vezes mais crises do que no primeiro. Segundo um critério diferente, Reinhart e Rogoff identificaram apenas uma crise bancária de 1947 a 1975 e 31 de 1976 a 2008.<sup>76</sup>

Se a crise poderia ter sido prevista ou não com certeza é um ponto questionável. Muitos fatores complexos demais para serem avaliados sem um estudo profundo interação neste cenário. Mas o fato de que a falta de balanço em um setor muito específico da de empréstimos residenciais ter afetado o mundo inteiro evidencia como a falta de normas e verificações do sistema liberal é

---

<sup>74</sup> SMITH, Adam. Riqueza das Nações. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1981 e 1983. 2 vols.

<sup>75</sup> BRESSER-PEREIRA "A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?" Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72, 22p, 3 Graphs

<sup>76</sup> BRESSER-PEREIRA "A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?" Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72, 22p, 3 Graphs

contundente. Os objetivos neoliberais já mostravam a falta de regulamentação: flexibilizar as leis de proteção ao trabalho para reduzir os custos com salários indiretos; reduzir o porte do aparelho do Estado e desregular os mercados, principalmente o financeiro.<sup>77</sup>

O aumento do mercado financeiro é evidente. “Apostadores” que trabalham com ações e mercado futuro se tornaram *mainstream* no cenário mundial. O dinheiro virtual ultrapassou e muito o dinheiro real do planeta, o que é mais facilmente visualizado na tabela Indicadores selecionados do tamanho dos mercados de capitais, abaixo é possível tirar qual é a relação entre o capital financeiro e o PIB real dos principais países. Como exemplo o próprio reino unido que tem em suas operações financeiras mais de 620% do próprio PIB. Isso sempre foi passível de identificação Mas a coalizão neoliberal tomou uma série de medidas, tanto políticas quanto culturais, para legitimar as suas posições. De acordo com Bresser Pereira, as muitas crises que aconteceram na história são mais uma prova que o sistema neoliberal é, em sua essência, instável. Existe uma diferença palpável entre a quantidade de crises até 1970 e depois disso até 2008.<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> BRESSER-PEREIRA "A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?"  
Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72, 22p, 3 Graphs

<sup>78</sup> BRESSER-PEREIRA "A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?"  
Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72, 22p, 3 Graphs

Indicadores selecionados do tamanho dos mercados de capitais, 2007

	PIB	Reservas (a)	Capitali- zação do mercado acionário	Dívidas (b)			Ativos Bancos Comerciais	Total (c)	Total em %	Total em % do PIB
				Pública	Privada	Total				
<b>Mundo</b>	54.545,1	6.448,0	65.105,6	28.632,1	51.189,8	79.821,9	84.784,5	229.712,0	100,0	421,1
União Européia	15.688,8	279,7	14.730,9	8.788,0	19.433,3	28.221,3	43.146,3	86.098,5	37,5	548,8
Reino Unido	2.765,4	49,0	3.851,7	913,5	2.931,2	3.844,7	11.052,5	18.748,9	8,2	678,0
Área do Euro	12.202,6	172,1	10.040,1	7.612,7	15.411,2	23.023,8	30.137,1	63.461,4	27,6	520,1
Alemanha	3.320,9	44,3	2.105,2	1.700,3	3.905,1	5.606,1	6.492,7	14.204,0	6,2	427,7
França	2.593,8	45,7	2.737,1	1.447,2	2.919,6	4.366,8	8.685,2	15.789,1	6,9	608,7
Estados Unidos	13.807,6	59,5	19.922,3	6.594,0	23.285,2	29.879,3	11.194,1	60.995,7	26,6	441,8
Japão	4.381,6	952,8	4.663,8	7.147,7	2.069,8	9.217,5	7.839,4	21.720,6	9,5	495,7
Economias Emergentes	17.281,7	4.910,1	20.950,2	4.908,4	2.911,7	7.820,1	15.003,8	43.774,1	19,1	253,3
Ásia	7.482,4	2.988,2	13.782,7	2.556,4	1.948,5	4.505,0	9.382,3	27.670,0	12,0	369,8
América Latina	3.608,5	445,2	2.292,2	1.456,5	628,4	2.084,9	1.988,7	6.365,8	2,8	176,4
Europa	3.527,20	845,9	2.417,60	766,7	173,5	940,2	1.820,20	5.178,00	2,3	146,8

Fonte: World Federation of Exchanges; Bank of International Settlements; IMF, *International Financial Statistics (IFS)*, *World Economic Outlook databases* as of September 25, 2008; 2003 Bureau van Dijk Electronic Publishing-Bankscope; Standard & Poor's Emerging Markets Database.

Notas: (a) Exclui reservas em ouro; (b) Inclui bônus emitidos por governos, instituições financeiras e corporações no mercado financeiro internacional; (c) Soma da capitalização do mercado acionário, dívidas securitizadas e ativos dos bancos comerciais.

Figura 3.1 Indicadores selecionados do tamanho dos mercados de capitais, 2007.<sup>79</sup>

A crise de 2008 foi principalmente uma crise de confiança. Os investidores têm que ter confiança no país, no fluxo de capital, no banco, no ativo financeiro no qual estão colocando o seu dinheiro. Quando ficou claro que havia uma grande chance de quebra das instituições financeiras, a perda de confiança no sistema foi generalizada. Essa confiança foi sendo abalada diversas vezes de 2007 até julho de 2008. Em outubro o Lehman Brothers quebrou, e com ele o resto da confiança não só dos investidores americanos, mas a de todos os investidores que tinham títulos relacionados à economia americana. Quer dizer, o mundo inteiro.<sup>80</sup>

Depois de 1929 muitas ações foram tomadas para evitar que este tipo de impacto na economia mundial ocorresse. Mas com a financeirização e tecnoburocratização, lentamente o neoliberalismo foi reinstituído. De acordo com

<sup>79</sup> MAZZUCHELLI, FEDERICO "A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008." Novos Estudos; Nov 2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts. Pag 4

<sup>80</sup> BRESSER-PEREIRA "A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?" Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72, 22p, 3 Graphs

Bresser-Pereira fica muito claro que em um sistema capitalista as crises são inevitáveis. Existem muitas causas no sistema que corroboram para o desenvolvimento da crise. Mas ao mesmo tempo em que a tecnologia pode reduzir os custos de transações comerciais e aumentar o fluxo de dinheiro correndo no mundo, ela pode ser usada para intensificar a regulação deste fluxo. As mesmas decisões que foram tomadas logo depois de 2008 para intervir na economia poderiam ter sido implementadas vagarosamente e garantido uma estabilidade em longo prazo. Agora o dinheiro estatal tem que ser injetado em diversos atores econômicos dos mais diversos níveis para tentar manter a liquidez e evitar a série de falências que seguem.<sup>81</sup>

“O credo liberal e a panacéia dos mercados “eficientes” ou “auto-regulados” foram sumariamente abandonados e o Estado assumiu, com maior (Inglaterra) ou menor (Estados Unidos) grau de acerto, a responsabilidade pela defesa das instituições financeiras, pela provisão da liquidez, pela garantia integral dos depósitos, pela redução das taxas de juros básicas e pela tentativa de evitar o aprofundamento da contração do crédito.”<sup>82</sup>

As falências dos bancos afetam a economia de uma maneira que não é mensurável matematicamente. O banco é uma instituição que além de cumprir o papel de multiplicador da moeda, ele cumpre o papel de segurança para seus correntistas. Enquanto o banco está seguro, o dinheiro do correntista está seguro. Quando um banco fale a confiança do investidor é seriamente abalada. Quando os correntistas, investidores e outros estados ficaram sabendo do desequilíbrio na cadeia financeira americana uma sequência de saques de capital, recolhimento de investimentos e vendas de títulos americanos se desenrolou, caracterizando uma perda de confiança grande no sistema financeiro<sup>83</sup>

O primeiro ponto é a perda de confiança interna. Dinheiro começa a ser guardado fora das instituições financeiras pelos cidadãos, em função da

---

<sup>81</sup> BRESSER-PEREIRA "A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?" Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72, 22p, 3 Graphs

<sup>82</sup> MAZZUCHELLI, FREDERICO "A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008." Novos Estudos; nov2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts

<sup>83</sup> BRESSER-PEREIRA "A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?" Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72, 22p, 3 Graphs

possibilidade do mesmo simplesmente desaparecer se guardado em bancos. Apesar disso, a possibilidade, a probabilidade aumenta muito em função desta mesma quebra de confiança, que leva a saques generalizados e simultâneos. A onda de saques levou a uma imediata retração dos investimentos financeiros nos Estados Unidos. Todos que haviam colocado seu dinheiro em investimentos, desde fábricas, passando por desenvolvimento de tecnologia, até pequenos comércios, tentaram desesperadamente recuperar o dinheiro que poderiam perder.<sup>84</sup>

A crise de confiança, por fim, se estendeu aos títulos americanos. Os títulos dos Estados Unidos que sempre eram alta confiabilidade circulavam no mundo com a garantia total e absoluta que teriam uma eterna liquidez e um rendimento estável e infundável. Estes estavam distribuídos por toda parte do mundo, dos mais simples compradores de ação de fim de semana até conglomerados financeiros internacionais. Boa parte da renda prevista em todos os títulos americanos vinha dos subprimes, e quando a economia americana desabou ela puxou consigo uma quantidade enorme de outros agentes. Então o problema de confiança foi o ímpeto da avalanche da crise econômica mundial de 2008.

A financeirização foi com toda certeza a maior característica do neoliberalismo. Foi ela quem gerou os maiores problemas em 2008. Se as “apostas” não gerassem tanto dinheiro, se não houvesse os processos de alavancagem, o sistema teria muito mais fôlego para suportar as variações que ocorreram. Grande exemplo disso era o próprio Brasil, que por suas políticas restritivas não deixava ocorrer grandes alavancagens. As políticas financeiras brasileiras defendiam um depósito compulsório dos bancos e tinha uma abordagem mais “careta” em relação à desregulamentação do mercado financeiro. Essas políticas restritivas fizeram do Brasil um dos países que conseguiu passar pela crise sem maiores cicatrizes e que hoje tem uma melhor posição na economia mundial por causa disso.<sup>85</sup>

---

<sup>84</sup> BRESSER-PEREIRA "A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?" Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72, 22p, 3 Graphs

<sup>85</sup> BRESSER-PEREIRA "A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?" Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72, 22p, 3 Graphs

“...a disposição para a intervenção estatal é hoje, portanto, um elemento determinante que diferencia nitidamente as iniciativas da política econômica.”<sup>86</sup>

De acordo com Pereira Bresser: O Brasil é um exemplo de um capitalismo mais social, não tanto pela vontade idealizada da academia por um conceito mais humano no mundo do dinheiro, mas pela necessidade dos governantes de serem eleitos. Em um país de desigualdades tão profundas, que atingem parte significativa da população, quem elege é a massa. Para agradar a massa. O fato de proteger a indústria nacional, que vai exigir maiores gastos públicos, e deixar a concorrência absolutamente livre e desregulada são estratégias que vão atingir negativamente aqueles que menos podem, quer dizer, a massa. Sendo esta parcela da população bastante numerosa, o peso destes votos muito significativo, é pensando nela que o governo traça seus planos, sempre vendo ciclos de 4 anos. Se são criadas regras para beneficiar unicamente uma parcela pequena do eleitorado, e isso vira público, a reeleição não acontece.<sup>87</sup>

A selvageria do capitalismo neoliberal faria com que o Brasil ficasse socialmente insustentável. Já nos Estados Unidos grande parte da população são empreendedores dos mais variados níveis que têm em sua liberdade de contratar, da maneira que acharem melhor, como uma das bases de sua sociedade e sua vida. O alto consumo, os variados níveis de mercado, as diferenças de capacidade e potencial são base para o sistema americano. Nem mesmo saúde é visto como direito fundamental que deve ser garantido pelo estado.<sup>88</sup>

Enxergar as características do neoliberalismo em nível internacional é muito mais complexo do que em nível doméstico. O que leva um brasileiro de classe média alta a entrar em um sistema de bolsa de valores pela internet e investir as reservas da empresa em que trabalha em títulos da dívida pública dos EUA? Ele quer segurança para o capital que sobra da empresa. Ele quer os pequenos, mas

---

<sup>86</sup> MAZZUCHELLI, FREDERICO “A CRISE EM PERSPECTIVA: 1929 E 2008.” Novos Estudos; nov2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts

<sup>87</sup> BRESSER-PEREIRA “A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?” Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72, 22p, 3 Graphs

<sup>88</sup> BRESSER-PEREIRA “A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?” Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72, 22p, 3 Graphs



estáveis juros que provem daquela aplicação todo mês. Ele trabalha com a previsão de que algum tempo aquele dinheiro se multiplique e depende deste dinheiro para que a empresa não fique sem capital de giro, ou que tenha fundos para se segurar em uma das recessões que acontecem. Quando o brasileiro perde seu dinheiro porque uma série de pessoas nos Estados Unidos deixou de cumprir com os contratos que assinaram a empresa do brasileiro quebra junto. Quer dizer que a segurança que todos buscavam no sistema americano, foi embora junto com a confiança de todo o mundo.<sup>89</sup> Desta forma, a crise de confiança também se torna transfronteiriça, um problema de soberania interdependente.

Dois eventos pós crises de 1929 e 2008 marcaram a regulação do mercado de capitais. Bretton Woods e Basileia III são esforços internacionais para esta regulação, mas enquanto Bretton Woods foi uma movimentação de iniciativa norte americana Basileia III tem suas origens mais ligadas à Europa.

Bretton Woods foi um acordo fechado na pós segunda guerra mundial, especificamente em 1944. Ele foi nomeado por ter sido sediado no estado de New Hampshire. O objetivo do acordo era criar uma base internacional para troca de moedas para facilitar o comércio internacional. Os países membros concordaram em fixar suas taxas de cambio atrelando-as ao dólar americano. Os Estados Unidos por sua vez afirmaram ao resto do mundo que o Dólar seria lastrado no ouro. Um dólar seria igual a 35 onça de ouro (Uma onça de ouro seria o equivalente a um dólar). As nações também concordaram em comprar e vender dólares americanos para manter a taxa cambial deles dentro de 1% da taxa fixa.<sup>90</sup>

Além da parte cambial Bretton Woods tinha como objetivo financiar o mundo pós guerra e os países subdesenvolvidos. Houve então a criação do Fundo Monetário Internacional e do Banco mundial. Cada um dos 44 participantes compraram cotas das instituições citadas acima para ter capital de empréstimo para os países que necessitassem. A quantidade de cotas determinava a capacidade de voto de cada país.<sup>91</sup>

---

<sup>89</sup> BRESSER-PEREIRA "A CRISE FINANCEIRA GLOBAL E DEPOIS: UM NOVO CAPITALISMO?" Novos Estudos; mar2010, Issue 86, p51-72, 22p, 3 Graphs

<sup>90</sup> bis.org Encontrado em <http://www.bis.org/bcbs/about.htm> em 29/08/2012

<sup>91</sup> bis.org Encontrado em <http://www.bis.org/bcbs/about.htm> em 29/08/2012

Foram com essas medidas que os 30 anos de ouro dos Estados Unidos começaram. Em 1971 o sistema de Bretton Woods entrou em colapso quando o Presidente Richard Nixon rompeu o lastro do Dólar ao Ouro. Uma decisão feita para evitar que todos os países que detinham dólares exigissem dos Estados Unidos a conversão, algo que na época não era viável.<sup>92</sup>

O acordo de Basileia vem do comitê da Basileia que foi implementado em 1973 para garantir a estabilidade do sistema financeiro internacional. A regulação foi exatamente o objetivo do comitê no Acordo de Basileia I. No segundo acordo os enfoques eram em maior transparência na divulgação de informações ao mercado e supervisão das operações financeiras. O acordo de Basileia III é um conjunto de ações desenvolvidas pelo Comitê de supervisão Bancária da Basileia para reforçar a regulação, supervisão e gerenciamento de riscos do setor bancário. Os principais objetivos são melhorar a habilidade do setor bancário de absorver choques de stress financeiro e econômico; melhorar o gerenciamento e governança; reforçar a transparência dos bancos e seus fechamentos. A primeira revisão do acordo de Basileia (Basileia II) foi realizada em 2009. Em dezembro de 2010 uma nova revisão foi feita (Basileia III). Esse conjunto de iniciativas foram promovidas pelo Fórum de Estabilidade Financeira (Financial Stability Board, FSB).<sup>93</sup>

O acordo foi pensado e colocado em prática como uma reação à crise de 2008, que aconteceu, em grande parte, pelo crescimento excessivo dos valores nos balanços dos bancos e seus derivativos, ao mesmo tempo em que caíam o nível e a qualidade dos recursos próprios destinados a cobrir os riscos das operações financeiras. Para tentar contornar estes problemas o acordo tem diversos pontos que devem ser implementados em períodos de tempo de um até 7 anos, entre eles, os principais são: forçar os bancos a aumentarem suas reservas de capital para se protegerem de crises; aumento da porcentagem de ações ordinárias (com participação ativa nas decisões da empresa que publicou os títulos) para anuência do risco do investimento; Criação de colchões de capital, um de conservação, que aumenta o capital de alta qualidade de cada um dos investimentos, para que parte do capital fique garantido para cada investimento e um colchão contracíclico que é

---

<sup>92</sup> bis.org Encontrado em <http://www.bis.org/bcbs/about.htm> em 29/08/2012

<sup>93</sup> <sup>93</sup> bis.org Encontrado em <http://www.bis.org/bcbs/about.htm> em 29/08/2012

uma garantia de até 2,5% do capital investido que deve ficar retido para garantir a liquidez do banco.

O neoliberalismo desenfreado foi visto por vários autores como motivo para ambas as crises. A falta de regulação e inspeção do estado sobre uma atividade vital para a saúde estatal foram o início das duas crises. A seguir uma perspectiva sobre os efeitos dessa crise, dentro do cenário interdependente, sobre a soberania dos Estados Unidos da América.

### 3.3 Perspectivas da soberania americana

Dentro do enorme contexto globalizante que a tecnologia proporciona a crise de 2008 tem um efeito mais abrangente. A globalização acelerada, o fluxo de informações quase que imediato,, proporcionada pela tecnologia, tem um efeito mais rápido e alcance mais amplo, conforme demonstrado pela crise de 2008. Isso é tratado a fundo nos conceitos de Keohane e Nye, e seus efeitos são possíveis de serem encaixados nas definições de Krasner sobre soberania. A interdependência econômica se generalizou no mundo neoliberal, assim como a interdependência produtiva se generalizou no mundo liberal.

Azad Zangana, um economista europeu, coloca em uma matéria para a revista *Money marketing*<sup>94</sup> que a rede de segurança das instituições financeiras havia sido removida em 2008. Os Estados Unidos tomaram uma série de medidas para regularizar a situação econômica do país, mas só depois que viram a quebra do Lehman Brothers. Se o enorme banco não houvesse quebrado em setembro de 2008 o mercado hipotecário estaria em uma posição completamente diferente. A quebra do banco causou um medo muito grande que outras instituições, até mesmo por serem menores, poderiam ser levadas a quebrar junto, o que realmente ocorreu, num efeito cascata. Quebras das instituições financeiras ocorreram nas duas crises.<sup>95</sup>

A crise de 1929 foi uma crise que ocorreu principalmente no ramo agroindustrial. O capital estava todo concentrado nos latifundiários que produziam freneticamente dentro do contexto de super-consumo da Europa. Quando a

---

<sup>94</sup> ZANGANA, Azad; *Money Marketing*; 9/17/2009, p10-11, 2p

<sup>95</sup> ZANGANA, Azad; *Money Marketing*; 9/17/2009, p10-11, 2p

agricultura estourou a contração da renda real dos agricultores foi superior à 50%.<sup>96</sup> A nova agricultura de 2008 parece ter se transformado no setor imobiliário, guardando as devidas escalas.

É o próprio secretário do Tesouro americano quem afirma: “O problema real é que os bancos de todo o mundo fizeram empréstimos arriscados. [...] A coisa mais espantosa é a dimensão do problema”. A cadeia de ativos “tóxicos” associados à especulação com imóveis ainda não foi desmontada, e é possível que o socorro da intervenção pública se torne aí tão intenso e prolongado quanto o foi para retirar a agricultura da vala da depressão nos anos 1930.<sup>97</sup>

Em 2008, os ativos “podres” se alastraram. Por causa dos baixos custos de transação e a facilidade de compra de títulos em nível internacional, a crise que deveria ser somente americana se tornou uma crise mundial. É perceptível que a desregulamentação neoliberal não era uma prática somente norte americana, a Europa sentiu com grande intensidade a crise. Mas também é possível captar que o estopim para toda a crise foram os empréstimos *subprimes* dos Estados Unidos, como já tratado.

Desta forma uma crise que deveria somente afetar o estado norte americano afetou o mundo inteiro. O cenário econômico interdependente o qual os estados estão inseridos demonstra a série de vulnerabilidades e riscos os quais as economias internas se submetem com o objetivo de um comércio diversificado no exterior.

Caso se tratasse somente de comércio, a fiscalização e monitoramento dos acontecimentos e padrões seriam infinitamente mais simples. Mas a financeirização trouxe uma complexidade e uma burocratização muito grandes ao sistema. Também aumentou exponencialmente o fluxo de capital especulativo mundial e fez com que os investidores agissem baseados em cima de uma possibilidade imensa de lucro.

A capacidade americana de tomar suas próprias decisões nunca foi tão ameaçada quanto em 2008. A avalanche de transações realizadas, através das facilidades oferecidas pela tecnologia, alastrou um problema econômico interno

---

<sup>96</sup> (Novos Estudos; nov 2008, Issue 82, p 65)

<sup>97</sup> (Novos Estudos; Nov 2008, Issue 82, p 65)

americano para todo o mundo. Somente aqueles com restrições ao neoliberalismo, exemplo disso o já comentado Brasil, resistiram parcialmente aos efeitos da crise.

As reações entre 1929 e 2008 diferiram quanto a tempo de resposta e natureza da intervenção estatal sobre a economia, mas em ambos os casos, o que salvou a economia americana foi exatamente um movimento que ia contra os preceitos liberais de não intervenção. A injeção de dinheiro na economia e a maior regulação do movimento de capitais e uso dos recursos estatais por meio de legislação mais rígida para controle econômico foram abordagens que se deram em ambas as nas crises.

Essas abordagens mais rígidas são demonstrações de que o modelo Neoliberal não está sendo plenamente viável no período pós crise de 2008. Existem alguns indicadores que tornam essa percepção visível. O primeiro são as crises na Europa que também recorrem a intervenções estatais diversas para fazer com que o mercado do bloco econômico se mantenha viável.

“...the sovereigns gradually became more exposed to their banks, as government safety nets expanded during the crisis, increasing the sensitivity of sovereign creditworthiness to banking-sector developments.”<sup>98</sup>

Quando uma potência, como a União Européia, não respeita mais o Neoliberalismo baseado na financeirização como um modelo de acumulação de capital acontece uma reação em cadeia.

“The crisis in the eurozone periphery has so far affected markets substantially more than the size of the countries in the region would suggest. Data on direct exposures and simple correlations also fail to explain the cross-border impact of the crisis”.<sup>99</sup>

Os países que negociam com a União Européia, os países que olham para o bloco como modelo de organização e seus respectivos contatos passam a ver o modelo de acumulação como ineficiente também. Isso gera uma pressão externa

---

<sup>98</sup> MELANDER, Ola; PANT, Malika; SEGOVIANO, Miguel; VAMVAKIDIS, Athanasios "Dancing Spreads: Market Assessment of Contagion from the Crisis in the Euro Periphery based on Distress Dependence Analysis" International Advances in Economic Research; Aug2011, Vol. 17 Issue 3, p347-363, P1; Tradução livre: ... a soberania gradualmente ficou mais exposta aos seus bancos, assim como as redes de segurança do governo se expandiram durante a crise, aumentando a sensibilidade da credibilidade da soberania nos desenvolvimentos do setor bancário.

MELANDER, Ola; PANT, Malika; SEGOVIANO, Miguel; VAMVAKIDIS, Athanasios "Dancing Spreads: Market Assessment of Contagion from the Crisis in the Euro Periphery based on Distress Dependence Analysis" International Advances in Economic Research; Aug2011, Vol. 17 Issue 3, p347-363, P1; Tradução livre: A crise na periferia da eurozona afetou mercados substancialmente mais do que o tamanho dos países da região poderiam sugerir. Dados de exposições diretas e simples correlações também falham ao explicar o impacto transfronteiriço da crise.

sobre a organização interna americana, pois os Estados Unidos tem como um de seus maiores parceiros comerciais a Europa. Se a Europa acredita ser um modelo falido os Estados Unidos têm que se adequar a essa realidade, gerando uma pressão na soberania interdependente americana.

O segundo aspecto é relativo à própria população dos Estados Unidos. Quando aconteceu a grande crise de confiança no país a população sofreu diretamente em seus investimentos o problema da financeirização. Um mercado com o qual muitos nunca tiveram contato afetou diretamente a qualidade de vida da população. Um exemplo de pressão interna americana é o movimento chamado *Occupy Wall Street* iniciado em setembro de 2011. O movimento afirma ser contra o poder corrosivo de bancos e corporações multinacionais sobre o processo democrático e o papel de *Wall Street* na criação do colapso econômico que causou a maior recessão em gerações. Eles fazem ocupações de espaços destinados aos movimentos financeiros, como frente de bancos e instituições financeiras.<sup>100</sup>

---

<sup>100</sup> Encontrado em <http://occupywallst.org/about/>; acessado em 01/08/2012

**Conclusão:**

Para ambas as crises, tanto de 1929 quanto a de 2008 a resposta americana foi a mesma. Uma intervenção estatal de maior amplitude para salvar o mercado. Mesmo tendo motivos originadores diferentes os efeitos sobre o país são bem similares, desemprego, queda da produção e quebra das instituições financeiras. Cada um dos efeitos afeta a soberania doméstica americana. O desemprego é o atestado de que o estado não é capaz de prover uma maneira da sociedade civil de se manter. A queda na produção afeta não só a sociedade civil, mas grandes empresas e investidores. A quebra dos bancos afeta a capacidade de confiança de todos que estão inseridos no contexto comercial do país. Cada um destes elementos leva ao seguinte. A produção cai, não existe mais dinheiro para manter tantos empregados, que são mandados embora gerando o desemprego. Com medo de seus investimentos não renderem por causa de uma queda na produção os investidores e empresas retiram seu dinheiro do banco, que passa a não ter mais liquidez, o que gera uma falta de confiança de todos os correntistas, mesmo aqueles desempregados, que por sua vez retiram o dinheiro dos bancos. Se as instituições financeiras não tem dinheiro para emprestar o setor produtivo não tem capital para recuperar a produção, fazendo com que a mesma caia mais. Se o estado não interferir nos eventos de crise o ciclo só piora a situação.

A questão da soberania doméstica leva a um segundo problema, que é a soberania interdependente. Quando um abalo interno da magnitude de uma das crises acontece no país que tem uma das maiores parcelas de participação econômica do mundo, o resto dos países sentem isso diretamente. Quer dizer, a ação de um país em específico afeta todos os outros que tem alguma relação econômica com o mesmo. As crises, tanto de 1929 quanto de 2008 tiveram sua origem, cada uma em seu nível, no solo Estado Unidense. E em ambos os casos as crises afetaram grande parte da economia mundial. Em contrapartida, os Estados Unidos estão sujeitos a variações econômicas de outros blocos econômicos. Um exemplo disso foi tratado no terceiro capítulo, onde a crise europeia faz com que a União Europeia reveja os conceitos liberais e que force essa concepção, direta ou indiretamente, naqueles que estão relacionados a ela. Um destes sendo os Estados Unidos.

A visualização dos mais diversos atores no contexto internacional mostra a influência contundente que qualquer um deles têm sobre o resultado financeiro da economia de um país. Um banco privado, investidores e Estados tem, cada um com sua proporção, responsabilidade sobre o curso que o cenário econômico mundial toma. Mas é do Estado a responsabilidade de manter sua população com condições de se manter e desenvolver. Então é do Estado a responsabilidade por fiscalizar, normatizar e regular o necessário para o bom funcionamento do mercado. Uma intervenção total não é viável. Bresser Pereira e Milton Santos tem argumentos similares, não é possível mudar toda a estrutura capitalista que existe no mundo, mas se faz necessário regularizar as operações, no caso de 2008 as financeiras, no caso de 1929 o excesso de produção, para garantir a estabilidade econômica o máximo possível.

A questão da soberania doméstica leva a um segundo problema, que é a soberania interdependente. Para se blindar contra influências externas um país precisa ser forte o suficiente para impor suas idéias para fora do seu território nacional e conciso o bastante para não deixar que as externas afetem suas políticas locais. Quando um país, como os Estados Unidos da America, perdem poder relativo, quer dizer, quando não conseguem mais se blindar das influências externas. Um exemplo disso é a questão do Acordo de Basileia III para regulação do mercado financeiro internacional e criação de salvaguardas contra crises de larga escala como a de 2008. O objetivo específico do acordo é a regulação das instituições financeiras, principalmente bancárias, em relação aos seus investimentos financeiros.<sup>101</sup>

No caso da soberania interdependente em específico é possível fazer um paralelo histórico entre o Acordo de Basileia III e Bretton Woods. Bretton Woods, acordo econômico feito em 1944<sup>102</sup>, visava a criação de uma base internacional para a troca de moedas, quer dizer, colocava o dólar americano como base para a política cambial internacional. Além disso Bretton Woods levou a criação do Fundo

---

<sup>101</sup> Encontrado em <http://www.bis.org/bcbs/about.htm> em 29/08/2012

<sup>102</sup> Encontrado em <http://www.time.com/time/business/article/0,8599,1852254,00.html> em 29/08/2012



Monetário Internacional (FMI) e o banco internacional para reconstrução e desenvolvimento, mais conhecido como banco mundial. O acordo de Bretton Woods foi uma influência direta dos Estados Unidos da América sobre os demais países participantes, que depois das guerras e problemas de produção se viam debilitados para se blindar contra a influência dos Estados Unidos. Agora o cenário se inverteu. Depois da crise dos subprimes os demais países do cenário financeiro internacional fazem pressão para que os EUA participem do acordo de Basileia III com o objetivo de aumentar a regulação sobre o mercado financeiro e reduzir a possibilidade de uma nova crise como a de 2008.<sup>103</sup>

O que é importante clarificar é que os Estados Unidos da América não perderam sua soberania. O que aconteceu foi uma perda relativa em certas capacidades do País de se auto regular sem interferências tanto internas quanto externas. Considerar que o País não é mais soberano é inviável. Mas considerar que o mesmo teria mais dificuldade para realizar uma des-regularização de um certo tipo de empréstimo imobiliário no cenário atual, mesmo que o país considerasse a atitude correta, é uma consideração real.

Usando os conceitos de Krasner, os Estados Unidos não tiveram perda em sua soberania internacional, visto que todos os outros estados não deixaram de ver o país como uma soberania. O país teve uma perda relativa em sua Soberania Westphaliana, visto que para mediar a crise, o estado teve de aceitar mudanças, mesmo que pequenas, que eram requeridas por pressões externas, vide o caso de Basileia III. O caso de uma aprovação de lei para desregularizar um empréstimo imobiliário ilustra a perda relativa de soberania doméstica, pois agora as autoridades públicas teriam mais dificuldade de tomar decisões. E a soberania interdependente sofre com a retirada de fundos e investimentos feitos nos Estados Unidos pelos países estrangeiros. O estado não consegue manter, em parte, os investimentos feitos em território nacional e perde fundos necessários para a sua estabilização.

Quando soberania de um Estado é afetada, mesmo que de maneira relativa, a perspectiva de que a organização do Estado moderno está intrinsecamente relacionada com a economia se evidencia. As pequenas perdas de capacidade de

---

<sup>103</sup> Encontrado em <http://www.bis.org/bcbs/basel3.htm> em 29/08/2012

auto regulação demonstram a gravidade que as crises econômicas podem trazer sobre o conceito pilar de um estado.

## BIBLIOGRAFIA

ARNOLD, T. Must 1929 repeat itself? MUST 1929 REPEAT ITSELF?" **Harvard Business Review**; Jan48, Vol. 26 Issue 1, p32-45, 14p.

ASSOCIAÇÃO KEYNESIANA BRASILEIRA. **Dossiê da Crise** – Disponível em: <<http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crise-l.pdf>>. Acesso em 23/10/2011 de 2011.

BERNANKE, B. S. **A crash Course for Central Bankers**. Disponível em: <[http://www.foreignpolicy.com/articles/2000/09/01/a\\_crash\\_course\\_for\\_central\\_bankers](http://www.foreignpolicy.com/articles/2000/09/01/a_crash_course_for_central_bankers)>. Acesso em 24/11/2011.

BRESSER-PEREIRA. A Crise Financeira Global e Depois: Um Novo Capitalismo? **Novos Estudos**; mar2010, Issue 86, p51-72

CARVALHO, F. C de.; **Dossiê da Crise** - Entendendo a Crise Financeira Mundial" Pag 15 - Novembro de 2008. Disponível em <<http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crise.pdf>>. Acesso em 23/05/2012

GARRETT, Garet. The Saturday evening post "UNEMPLOYMENT -- WHAT WE DO ABOUT IT" Current Events; 12/8/2008, Vol. 107 Issue 15, p5-5, 13p (quem é o autor do artigo?)

JOHNSON, Mark Anthony; MAMUN, Abdullah. Applied Financial Economics; Mar2012, Vol. 22 Issue 5, p375-385, 11p, 6 Charts, 1 Graph

KRASNER, S. T D. **Sovereignty: Organized Hypocrisy**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press 1999. (falta n de pags)

LIPIETZ, A. **Audácia: uma alternativa para o século XXI**. São Paulo, ed. Nobel: 1991; 8 pags

MAZZUCHELLI, F.R A Crise em Perspectiva: 1929 e 2008. **Novos Estudos**, Nov 2008, Issue 82, p57-66, 10p, 4 Charts. Pag 5

KEOHANE, ROBERT O.; NYE, J. S. **Power and Interdependence: World Politics in Transition**. Boston: Little, Brown and Company, 1977

SETSER, B. **Imbalance of Powers**. Disponível em: <[http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/04/14/imbalance\\_of\\_powers](http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/04/14/imbalance_of_powers)>. Acesso: 24/11/2011

SOUZA, N. A. de. **Economia Internacional Contemporânea: A: Da Depressão de 1929 ao Colapso Financeiro de 2008**. 1ª edição. Editora Atlas. São Paulo 2009.

STEWART, Justin Urquhart. THE COLLAPSE OF LEHMAN BROTHERS ONE YEAR ON - Money Marketing; 9/17/2009, p10-11, 2p (quem é o autor do artigo?).